

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)**

**LUCIANA LUPI ALVES**

**CONFLITOS PÓS-COLONIAIS E RESISTÊNCIA EM *O DIÁRIO ABSOLUTAMENTE VERDADEIRO DE UM ÍNDIO DE MEIO EXPEDIENTE*, DE SHERMAN ALEXIE**

MARINGÁ – PR  
2015  
**LUCIANA LUPI ALVES**

**CONFLITOS PÓS-COLONIAIS E RESISTÊNCIA EM *O DIÁRIO ABSOLUTAMENTE VERDADEIRO DE UM ÍNDIO DE MEIO EXPEDIENTE*, DE SHERMAN ALEXIE**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Literários.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alba Krishna Topan Feldman.

MARINGÁ – PR  
2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central - UEM, Maringá, PR, Brasil)

A474c Alves, Luciana Lupi  
Conflitos pós-coloniais e resistência em O diário absolutamente verdadeiro de um índio de meio expediente, de Sherman Alexie / Luciana Lupi Alves.  
-- Maringá, 2015.  
85 f. : il. figs.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alba Krishna Topan Feldman.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2015.

1. Alexie, Sherman - Análise literária. 2. Literatura americana - Análise literária. 3. Literatura pós-colonial. 4. Literatura indígena - Estados Unidos. I. Feldman, Alba Krishna Topan, orient. II. Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDD 21.ed. 801.95

AMMA-002972

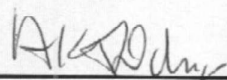
LUCIANA LUPI ALVES

**CONFLITOS PÓS-COLONIAIS E RESISTÊNCIA EM *O DIÁRIO ABSOLUTAMENTE VERDADEIRO DE UM INDÍO DE MEIO EXPEDIENTE*, DE SHERMAN ALEXIE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Literários.

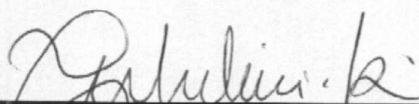
Aprovado em **24 de março de 2015**.

BANCA EXAMINADORA



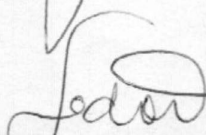
---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Alba Krishna Topan Feldman  
Universidade Estadual de Maringá – UEM  
- Presidente -



---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vera Helena Gomes Wielewicki  
Universidade Estadual de Maringá – UEM



---

Prof<sup>a</sup>/Dr<sup>a</sup> Maria Carolina de Godoy  
Universidade Estadual de Londrina – UEL/Londrina-PR

## **AGRADECIMENTOS**

À professora Alba, pelo apoio incondicional, dedicação e paciência.

Ao querido amigo Wagner, pelos conselhos nada ortodoxos, mas sempre muito pertinentes.

Às minhas queridas amigas Marília e Taniara, pelo apoio e carinho.

Aos colegas Ariane, Elerson, Bea, Diego e Aline. A presença de vocês tornou os estudos ainda mais interessantes.

Ao Anderson, pela ajuda e compreensão.

Àqueles que contribuíram (direta ou indiretamente) e estiveram ao meu lado (física ou virtualmente) durante todo esse período de grande aprendizado.

*Let me be a free man. Free to travel. Free to stop. Free to work.  
Free to choose my own teachers. Free to follow the religion of  
my fathers. Free to think and talk and act for myself.*  
Chefe Joseph – Tribo Indígena Nez Perces

## RESUMO

O romance *O diário absolutamente verdadeiro de um índio de meio expediente* (2009), escrito por Sherman Alexie, indígena nascido nos Estados Unidos da América, ganhou diversos prêmios de literatura infantojuvenil, mas foi duramente criticado, chegando inclusive a ser proibido em bibliotecas de escolas estadunidenses por seu conteúdo que trata de assuntos como racismo, alcoolismo e violência. O objetivo principal desta dissertação é analisar a obra e seus aspectos de conflitos e resistência sob uma perspectiva pós-colonial. O romance possui traços autobiográficos e aborda temas importantes da história dos nativos americanos. A análise foi realizada em quatro capítulos que abordaram um breve relato da história dos índios americanos e a trajetória do escritor Sherman Alexie, a identidade e alteridade do sujeito pós-colonial, os conflitos sociais e raciais da obra e as ilustrações como forma de representação do indígena estadunidense. Utilizando-se de ironia e descrevendo vários temas polêmicos como sexualidade, pobreza, morte e alcoolismo, Alexie narra a história do jovem Arnold Spirit Junior e sua busca por novas oportunidades fora da reserva indígena Spokane. A personagem principal é cartunista e as ilustrações foram elaboradas por Ellen Forney. Na obra, assim como a vovó Spirit que representava a tradição e a modernidade unidas, Arnold também encontra na escola de crianças brancas em Reardan sua identidade híbrida. A personagem deixa de ser “menos que um índio” e passa a pertencer a várias tribos.

**Palavras-chave:** Sherman Alexie; Identidade; Resistência.

## ÍNDICE DAS FIGURAS

Figura 1 - La Venus Mottentote, cartaz divulgado na Europa durante a colonização americana que anunciava um espetáculo de Human Zoo .....	6
Figura 2 - Cavalo alado.....	7
Figura 3 - Colono branco cercado de índios civilizados.....	7
Figura 4 - Vovó Spirit.....	33
Figura 5 - Mary Fujona.....	38
Figura 6 - Verão Selvagem .....	39
Figura 7 - Penélope .....	40
Figura 8 - O que é ser pobre?.....	41
Figura 9 - Pocahontas.....	49
Figura 10 - Thomas Moore, Boarding Schools.....	52
Figura 11 - Boarding School - Carlisle Indian Industrial School .....	53
Figura 12 - Índio Chippewa em trajes típicos de festa .....	54
Figura 13 - A coxinha sagrada KFC .....	56
Figura 14 - Cérebro no aquário.....	58
Figura 15 - Arnold chamando atenção .....	59
Figura 16 - Arnold dividido .....	60
Figura 17 - Arnold guerreiro .....	62
Figura 18 - Pais de Arnold.....	64
Figura 19 - Eugene em sua moto.....	66
Figura 20 - Rowdy e Arnold super-heróis.....	68
Figura 21 - Arnold e Rowdy pulando no rio.....	68
Figura 22 - Professor P. ....	69
Figura 23 - Professor Dodge irritado e o vulcão.....	70
Figura 24 - Arnold cercado por fantasmas .....	71
Figura 25 - Ted.....	72
Figura 26 - Gordy.....	73
Figura 27 - Mascote de Reardan .....	74
Figura 28 - Reserva x esperança.....	75
Figura 29 - Arnold anjo e diabo .....	76
Figura 30 - Cavalo Alado.....	77



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>CAPÍTULO I - O CONTEXTO E O AUTOR</b> .....	4
1.1 Breve História dos Índios Americanos .....	4
1.2 Sherman Alexie.....	14
<b>CAPÍTULO II – IDENTIDADE E ALTERIDADE</b> .....	19
2.1 A Identidade Do Sujeito Pós-Colonial.....	19
2.2 A Identidade Grupal/Nacional.....	25
2.3 Alteridade e Outremização .....	28
<b>CAPÍTULO III – CONFLITOS SOCIAIS E RACIAIS: RESISTÊNCIA</b> .....	32
<b>3.1 – Conflitos</b> .....	32
3.1.1 Tradição X Modernidade .....	32
3.1.2 Índios X Brancos .....	36
3.1.3 Homens Indígenas X Mulheres Indígenas.....	36
3.1.4 Mulheres Indígenas X Mulheres Brancas.....	40
3.1.5 Ricos X Pobres.....	41
<b>CAPÍTULO IV - ILUSTRAÇÕES E A REPRESENTAÇÃO DO INDÍGENA ESTADUNIDENSE</b> .....	47
4.1 A Visão de Si.....	56
4.2 A Visão do Outro .....	63
4.3 A Visão do Mundo .....	73
<b>CONCLUSÕES</b> .....	79
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	82

## INTRODUÇÃO

O escritor estadunidense Sherman Alexie nasceu na cidade de Wellpinit, Reserva Indígena Spokane, em 1996. Desde muito jovem começou a escrever sobre as mazelas do cotidiano do nativo americano e a criticar duramente a colonização europeia. Já no início dos anos noventa passou a publicar poesias, romances, contos de ficção e roteiros de filmes.

O livro *O diário absolutamente verdadeiro de um índio de meio expediente* (2009), objeto desta dissertação, ganhou o prêmio “National Book Award” de 2007. Primeira obra do autor do gênero infantojuvenil, o livro foi banido em algumas escolas americanas das bibliotecas sob o argumento de que o romance aborda temas polêmicos, tais como o alcoolismo, a pobreza, o bullying, a violência e referências sexuais.

A presente dissertação, que compete à linha de Literatura e Construção de Identidades do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá e foi orientada pela Professora Doutora Alba Krishna Topan Feldman, justifica-se por pretender analisar os aspectos pós-coloniais de identidade, alteridade e resistência na obra citada acima, investigando, ao mesmo tempo, como a identidade da personagem principal Arnold Spirit Junior modifica-se durante a narrativa. É relevante o estudo da obra, pois a perspectiva pós-colonial contribui para a compreensão das diferenças sociais. Ainda, essas diferenças, quando expostas na literatura infantojuvenil, apresentam aos jovens e adolescentes novos pontos de vista, ou discutem os problemas pelos quais eles próprios estão passando.

A obra narra a história do jovem índio que, em busca de novas oportunidades e um futuro melhor, deixa a escola da reserva indígena em que morava e vai estudar na escola de brancos da cidade vizinha. Trata-se de um livro com elementos autobiográficos, pois Alexie, assim como a personagem principal, nasceu com hidrocefalia, cresceu na reserva Spokane de Wellpinit e também teve um pai alcoólatra.

No decorrer da narrativa a personagem perde tragicamente a avó, matriarca da tribo, e a irmã. Ainda, ao decidir trocar a escola da reserva pela escola Reardan,

Arnold passa a ser humilhado e preterido na tribo por sua escolha e por supostamente abandonar suas origens. Já em Reardan, o jovem era discriminado por ser índio e a todo momento precisava provar seus conhecimentos e habilidades.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo analisar como, no conturbado meio em que vive, Arnold constrói sua identidade. Para tanto, fez-se necessária a confecção de quatro capítulos, que serão sucintamente enumerados adiante.

Inicialmente abordaremos fatos relevantes da história da colonização americana, desde a chegada dos primeiros marinheiros e colonizadores. Os contatos iniciais culminaram em milhares de mortes, pois os índios não possuíam proteção imunológica contra doenças como gripe, sarampo e varíola. Além disso, as disputas armadas envolvendo terras também contribuíram para que inúmeras tribos fossem inteiramente dizimadas. Enquanto milhares eram mortos nas Américas, na Europa alguns dos “exóticos” habitantes do Novo Mundo eram apresentados ora como aberrações, ora como “civilizados” após a benevolente intervenção catequizadora dos europeus. Ainda no primeiro capítulo faremos uma breve descrição da vida e obra do autor Sherman Alexie, bem como um resumo do livro que será objeto de análise.

Em seguida, discorreremos sobre a identidade do sujeito pós-colonial, o deslocamento decorrente das transformações da vida moderna e das conseqüências da colonização, que abala as identidades pessoais, provocando a descentração dos sujeitos em relação a si mesmos e seus lugares na sociedade, sua identidade grupal/nacional, e conseqüente a outremização.

No terceiro capítulo apresentaremos os conflitos sociais e raciais da narrativa e a forma como ocorre a resistência. Os conflitos entre a tradição e a modernidade, entre os índios e os brancos, entre ricos e pobres, a representação dos homens indígenas e as mulheres indígenas, as mulheres indígenas e as mulheres brancas são estudados nesse capítulo. Como solução, há em todos os itens citados acima, em maior ou menor intensidade, a resistência, outro assunto de fundamental importância que será analisado.

Já quarto e último capítulo é dedicado às ilustrações presentes no livro, que foram confeccionadas por Ellen Forney, e dão vida ao jovem cartunista Arnold na obra. A personagem utiliza os desenhos para retratar pessoas de seu convívio e na tentativa de ser famoso como ilustrador e deixar a pobre vida na reserva. A maior parte das representações é irônica e difere do conteúdo da narrativa, descrevendo a

visão de Arnold Spirit Jr., a respeito de si e do mundo. Como a obra transmite críticas e tem coincidências biográficas, podemos sugerir que o livro representa a visão do próprio Sherman Alexie a respeito do mundo e da convivência entre brancos e índios.

Por fim, a presente pesquisa é relevante para o Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá, pois além de contribuir para a Linha de Pesquisa de Literatura e Construção de Identidades ao analisar a obra sob o ponto de vista da teoria pós-colonial, não há registros até a presente data de teses apresentadas sobre o autor Sherman Alexie junto ao banco de teses da CAPES. Ainda, foram defendidas apenas onze teses na Área de Conhecimento Letras acerca da literatura estadunidense, das quais nenhuma pertence à Linha de Pesquisa de Construção de Identidades.

## **CAPÍTULO I - O CONTEXTO E O AUTOR**

### **1.1 Breve História dos Índios Americanos**

Evidências históricas apontam que os primeiros habitantes da América adentraram o continente pelo Estreito de Bering buscando caças durante os últimos episódios glaciais do Período Pleistoceno, cerca de 45.000 a 12.000 a.C. (PORTER, 2005, p.41). Diversos grupos povoaram então todo o continente e milhares de tribos se formaram. Estima-se que, enquanto aproximadamente 16 a 100 milhões de nativos viviam na América antes da “colonização”, o continente europeu possuía em torno de 70 milhões de pessoas.

Dentre as inúmeras tribos que habitavam o continente americano antes da chegada dos europeus, destacam-se as nações (etnias, grupos tribais) Maia, Asteca, Inca, Navajo, Dakota, Apache, Cheyenne, Guarani, Quichua, entre outras. Tais sociedades eram formadas essencialmente pela tradição oral. Algumas possuíam economias, linguagens ou culturas interligadas, relações de parentesco ou afinidades culturais, religiosas, enquanto outras possuíam dialetos e aspectos culturais ininteligíveis até mesmo para as tribos vizinhas. Todas as tribos possuíam formas de subsistência baseadas nos recursos naturais disponíveis, como caça, pesca ou ainda em plantio de terras, dependendo da região em que se localizavam. Tais sociedades também possuíam líderes políticos e religiosos e rituais importantes para transmitir as tradições da tribo e celebrar fases do ano<sup>1</sup> (SALISBURY, 2009).

Considera-se uma nação indígena um conjunto de tribos “irmãs”, que compartilham semelhanças linguísticas, culturais e que ocupam locais geográficos próximos, mantendo relações de amizade e/ou parentesco entre seus membros. Como exemplo, podemos citar a nação Apache, que contém as tribos Mescalero, Chiricaua, entre outras, e os Dakota (nome genérico ‘batizado’ pelos brancos de Sioux), nação que tinha como integrantes os Brule, Oglala, Yankton, Nakota e Lakota, entre outros.

---

<sup>1</sup> O geógrafo e explorador francês Samuel de Champlain, após presenciar a grandiosidade de algumas tribos, recomendou que a colonização não fosse iniciada porque havia muitas pessoas vivendo na América naquele momento.

Em verdade, a América possuía nações tão ou mais desenvolvidas que as europeias no século XV. Os Incas possuíam agricultura e transporte muito mais organizados que os europeus. Os Astecas possuíam ourivesaria e arquitetura que ultrapassavam muitos conceitos do velho continente. Enquanto isso, nos EUA, trabalhos manuais (com contas) e couro nas tribos do norte foram ensinados pelos índios aos europeus, que não possuíam técnicas tão refinadas.

Assim, deve-se ter em mente que o termo colonização faz parte da visão eurocêntrica que procura abrandar séculos de exploração e genocídios. A finalidade do discurso colonial é construir o colonizado como população de tipo selvagem, infantilizado e/ou degenerado, utilizando como base uma origem racial para justificar a conquista e impor novos sistemas culturais e organizacionais (BHABHA, *apud* HOLLANDA, 1992, p.184).

A denominação “índio” foi erroneamente dada apenas em 1492 aos povos da América por exploradores europeus que acreditavam ter alcançado a Índia em suas viagens marítimas. Os primeiros contatos entre os nativos e os viajantes não foram exatamente pacíficos. Apesar de especulações e lendas históricas que colocam vikings, sumérios, egípcios, entre outros, nas Américas, os primeiros europeus que comprovadamente pisaram o solo americano foram espanhóis, trazidos pelo Genovês Cristovão Colombo. Seu objetivo era ouro e outros bens que pudessem explorar. Em seguida, representantes ingleses da Companhia das Índias Ocidentais tomaram o mesmo caminho, com o objetivo de mapear a terra e também identificar outros produtos, recursos e locais a serem explorados. Os indígenas eram vistos apenas como “um entrave”, ou, no máximo, mão de obra escrava para a exploração do território e seus recursos. Outro grupo a frequentar praias americanas eram piratas de diversas nações europeias, que roubavam os outros europeus que já pilhavam o local.

Além do poderio militar e dos conflitos com as tribos mais próximas da costa, havia também o agravante de doenças trazidas pelos marinheiros e dos maus tratos aos indígenas feitos de escravos. Sem proteção imunológica alguma, doenças como sarampo, gripe e varíola devastaram tribos indígenas inteiras. Na tribo Wampanoag, por exemplo, das 2.000 pessoas que pertenciam à tribo, restaram apenas 200 após o surto de sarampo trazido por marinheiros. Os poucos que sobreviviam às doenças ainda precisavam suportar a dor de ter presenciado a morte de quase todos os parentes e amigos. E esses 200 restantes foram dizimados por conflitos com os

ingleses como punição e exemplo aos indígenas que tentassem contrapor-se aos puritanos, “os pais da nação americana” (LEPORE, 2009).

Além disso, os marinheiros, diante dos exóticos habitantes encontrados, logo raptaram alguns de seus anfitriões para apresentá-los na Espanha, Inglaterra, França, entre outros países que financiavam as viagens, e em toda a Europa. Os *Human Zoo* (Zoológicos Humanos) espalharam-se por todo o continente europeu em circos, feiras e exposições e exibiam seres humanos provenientes de outros continentes como objetos, humilhando-os. Na ilustração 1, podemos ver um cartaz anunciando um show com uma mulher de imensas nádegas, demonstrando a visão estereotipada e distorcida que os europeus atribuíam aos “exóticos” nativos. Em seguida, a figura 2 mostra uma foto de um grupo de índios sendo observados por homens de terno numa espécie de cercado.



Figura 1



Figura 2

Apresentar os povos colonizados dessa forma grotesca tinha uma finalidade: transformar a colonização na “salvação” das pobres almas aborígenes e reafirmar a suposta superioridade e civilidade europeia. Na figura 3 podemos ver indígenas “civilizados” - os que estão de pé – e indígenas “selvagens” os que estão acorados com o cobertor, o maior símbolo das tribos indígenas do norte. Tanto que, quando um indígena ia para a escola e voltava à tribo, negando a cultura branca, a expressão era “voltar ao cobertor”.



Figura 3



Dentre aqueles indígenas que foram levados à Europa, havia Squanto, cuja tribo fora dizimada por marinheiros e pela doença, e que passou a morar com os Wampanoag. Em sua juventude, Squanto havia sido raptado por um marinheiro inglês e vendido como escravo na Espanha. Com a ajuda de outro inglês, conseguiu escapar e finalmente voltar a sua terra. Quando os puritanos chegaram a Massachusetts, Squanto serviu de intérprete para que os primeiros colonos, com a colaboração dos nativos, pudessem sobreviver aos primeiros meses de inverno em solo americano (BROWN, 2012, p. 21). Esse contato originou aquele que ficou sendo um dos símbolos nacionais americanos: o Dia de Ação de Graças, feriado que tem seu início como um ritual religioso, mas que acaba se tornando um dos aspectos mais importantes do nacionalismo estadunidense, que será discutido mais à frente.

Duas histórias, que posteriormente foram transformadas e abrandadas, guardam grande importância nos relatos da colonização, com versões bem distantes dos livros didáticos e dos padrões da Disney: Pocahontas e o primeiro Dia de Ação de Graças.

Em 1607, colonos ingleses chegaram à Virgínia. Embora a tribo não quisesse contato com os ingleses, acabaram por convencer o chefe índio Wahunsonacook, “coroadado” rei da tribo Powhatan, a pôr seu povo para trabalhar e fornecer comida aos colonizadores (BROWN, 2012, p. 20). Durante os conflitos, o marinheiro John Smith foi salvo de uma execução por Pocahontas, filha do chefe Powhatan. Suspeita-se que tenham se relacionado, porém os relatos de Smith nada dizem sobre esse fato.

Alguns anos depois, em 1613, a jovem foi levada para a Inglaterra por marinheiros, onde se converteu ao cristianismo. No ano seguinte casou-se com John Rolfer e passou a ser apresentada perante sociedade inglesa como modelo de selvagem civilizada, servindo assim como propaganda para atrair recursos que financiariam a exploração das terras recém conquistadas.

Pocahontas teve a oportunidade de retornar para sua tribo, porém decidiu permanecer na Inglaterra. A tribo Powhatan foi inteiramente dizimada pelos ingleses e todos os descendentes desta etnia indígena provêm diretamente de Pocahontas. Após todo o confronto e a morte de oito mil índios, restou apenas o registro da história de amor entre uma índia e um inglês.

O marinheiro e aventureiro John Smith, ao narrar tais fatos, criou um dos estereótipos da mulher indígena: o da princesa índia submissa ao homem branco e capaz de deixar tudo por ele, bem como morrer para salvá-lo caso fosse necessário<sup>2</sup> (VIZENOR, 1998, p. 21). Trata-se de uma idealização romântica que muito se aproxima da paródia, uma vez que Wahunsonacook não era rei, mas o chefe de uma tribo, o que acarreta dimensões sociais totalmente distintas: enquanto o rei surge por sua descendência real, o chefe indígena é um guerreiro eleito pelo povo por provar sua bravura e, não necessariamente transmitirá seu cargo a algum de seus descendentes. Além do fato de que Pocahontas não era de fato uma princesa, o único ponto de vista apresentado de sua história é o de John Smith, um aventureiro romântico, que buscava fama e visibilidade na Europa ao romanticizar suas viagens e superestimar suas aventuras.

Alguns anos mais tarde, em 1620, ingleses desembarcaram do navio *Mayflower* em Plymouth. Os nativos observaram os colonos por algum tempo e apenas decidiram fazer contato quando viram que muitos estavam morrendo de fome e doenças. Além disso, entre os colonos estavam mulheres e crianças, o que na tradição Wampanoag significava que os ingleses não queriam conflitos. Assim, os Wampanoag cuidaram de suas doenças, ensinaram-nos onde havia água e caça, onde, quando, como e o que plantar e como não morrer no inverno gelado.

Em 1621, após a primeira farta colheita dos ingleses ao final do primeiro ano de convivência com os indígenas, foi realizada uma festa de três dias, comemorada até hoje nos Estados Unidos como o Dia de Ação de Graças (Thanksgiving). Nela estavam presentes 53 peregrinos e 90 Wampanoag. Os alimentos da celebração já eram híbridos em alguns aspectos: de um lado, trigo e outros resultados da colheita trazida da Europa, por outro, carne de caça e a abóbora, o milho e o feijão, consideradas as “três irmãs” pelos índios e presentes do Grande Espírito (FELDMAN, 2014, p. 264).

Há relatos, entretanto, que excluem a participação dos nativos na comemoração, como o mais famoso relato do evento, realizado por William Bradford em 1856, intitulado *Of Plymouth Plantation*. Nos anos seguintes, vários indígenas

---

<sup>2</sup> Além do estereótipo da princesa índia, há também a mulher indígena mestiça, que pelo fato de ser híbrida, não pode se casar ou conviver nem com índios e nem com brancos, ou pertencer a qualquer dos mundos, e aquela dissoluta, que serve apenas como diversão sexual aos brancos, a *squaw*. (VIZENOR, 1998, p. 176).

continuaram a morrer em decorrência das doenças trazidas da Europa e os colonos acreditavam que Deus estava “limpando a terra” para a nova vida que ali seria iniciada. A celebração de graças continuou, ao mesmo tempo em que o número de colonos se multiplicava consideravelmente e conflitos e doenças dizimavam os indígenas. Muitas tribos foram queimadas inteiras, além dos escalpos e esquartejamentos.

Anos se passaram e os homens brancos continuavam a chegar na “Nova Inglaterra”. Em 1625 pediram a um chefe indígena que lhes desse um pedaço de terra:

Samoset sabia que a terra vinha do Grande Espírito, era infinita como o céu e não pertencia a homem algum. Para agradar os estrangeiros e seus costumes estranhos, ele participou de uma cerimônia em que cedeu a terra e colocou sua marca num papel. Era a primeira transferência documentada de terra índia a colonos ingleses. (BROWN, 2012, p. 21)

Além desse tratado, inúmeros outros foram firmados. Quase a totalidade deles foi sendo modificada de acordo com os recursos naturais que eram descobertos nas áreas indígenas e o contingente de colonos que se expandia. Durante o governo de Thomas Jefferson, o presidente americano assegurou a chefes indígenas que todos poderiam viver como iguais, que os sangues e as vidas dos americanos seriam apenas um, brancos e índios em um único continente unido. Todavia, as mortes continuavam.

O registro histórico escrito sobre os nativos estadunidenses (*native americans*)<sup>3</sup> foi feito quase que integralmente pelos europeus ou colonos após o contato inicial (PORTER, 2005, p. 39). Em 1775, na Guerra da Independência dos Estados Unidos, milhares de nativos foram convocados e lutaram juntamente com colonos contra os ingleses. A colaboração, todavia, jamais foi lembrada nas divisões de terras dos anos seguintes.

Um dos terríveis marcos da disputa entre colonizadores e índios foi o Massacre de Sand Creek, ocorrido em 29 de novembro de 1864, onde integrantes das tribos Cheyenne e Arapaho estavam acampados. O conflito teve início quando índios Sioux (Dakota), revoltados com os colonos começaram a atacar e depredar

---

<sup>3</sup> O termo “Native Americans” adotado pelo governo dos Estados Unidos refere-se especificamente aos nativos daquele país. Outras nações adotam oficialmente outros nomes para os nativos, como “Povos aborígenes” (Canadá), “Ameríndio” (Guiana), entre outras formas.

sistematicamente os brancos. Essas atitudes eram decorrentes da perda de sua terra sagrada, as montanhas Black Hills na febre do ouro, e pelo massacre incansável dos búfalos nas planícies, patrocinado pelo governo, tornando o sustento dos indígenas da nação Sioux impossível. Como represália e sem sequer identificar os autores das ações, chefes militares exigiram que os Arapahos entregassem suas armas em troca de rações. Na seqüência, obrigaram a tribo a se mudar para o acampamento Sand Creek e, após várias tentativas frustradas dos índios de negociar uma solução pacífica para o conflito, o coronel Chivington, aparentando buscar a paz até então, ordenou que soldados bêbados disparassem contra os arapahos e cheyennes. Aproximadamente dois terços das vítimas eram mulheres, crianças e idosos e Robert Bent assim descreveu a cena presenciada:

Ao passar pelo campo de batalha no dia seguinte não vi um corpo do homem, mulher ou criança que não estivesse escalpado, e, geralmente, os corpos estavam mutilados da maneira mais horrível – homens, mulheres e crianças com os genitais cortados etc.; ouvi um homem dizer que havia cortado as genitais de uma mulher e as pendurara num pau para mostrar; ouvi outro homem dizer que cortara os dedos de um índio para ficar com os anéis da mão; segundo meu melhor conhecimento e crença, essas atrocidades foram cometidas com o conhecimento de J. M. Chivington e não sei de qualquer medida que ele tenha tomado para impedi-las; ouvi o caso de uma criança de poucos meses que foi jogada no interior de um carroção e, depois de ser levada a alguma distância, deixada no chão para morrer; também ouvi vários casos de homens que cortaram genitais de mulheres e os penduraram no arção da sela ou os usaram nos chapéus, quando cavalgavam nas fileiras (BROWN, 2012, p. 106).

O massacre de Sand Creek foi extremamente violento e teve como finalidade a retirada dos nativos do território que pertencia a eles. Durante séculos, ao passo que os colonos descobriam recursos a serem explorados e invadiam as terras indígenas gerando conflitos, o governo era acionado para validar a conquista. Inúmeras tribos eram obrigadas então a mudar de território, seja por meio de negociações manipuladas com falsos intérpretes ou com muita bebida alcoólica, ou levadas violentamente.

Referidas mudanças de territórios ordenadas por políticos e militares e contra a vontade dos indígenas foram responsáveis pela *Trilha de lágrimas* (*Trail of tears*). Na língua Cherokee esse evento é chamado de *Nu na da ul tsun yi* (o lugar onde eles choraram). Em 28 de maio de 1830 foi aprovado pelo presidente americano Andrew Jackson o *The Indian Removal Act* (Ato de remoção dos indígenas), autorizando a mudança de nativos para um território federal a oeste do rio

Mississippi. As tribos Cherokee, Choctaw, Chicasaw, Creek, e Seminole, conhecidas como “as cinco nações civilizadas”, por terem sistemas de subsistência baseados na agricultura, foram forçadas a mudar de território, sendo deslocadas por longos caminhos, muitas vezes sem carroções e suprimentos. As remoções causavam inúmeras mortes pela resistência em saírem de seus lugares de origem que causavam conflitos, seja durante o trajeto, por desnutrição e enfraquecimento, pelo esforço acima de suas capacidades e doenças decorrentes dessas causas, seja na chegada, pelas dificuldades de adaptação aos lugares inóspitos em que eram colocados (BROWN, 2012, p. 357-358).

A Lei previa, entretanto, que os índios que desejassem permanecer em seus locais de origem deveriam se “assimilar”, tornando-se cidadãos americanos e, conseqüentemente, deixar de seguir tradições e crenças. Nesse período em que a cultura e a civilização do índio estavam sendo destruídas surgiram grande parte dos mitos do Oeste Americano, que mais tarde foram transpostos para o cinema e mundialmente difundidos. Os homens brancos eram descritos como heróis e os índios quase sempre como bandidos sem escrúpulos que atacavam impiedosamente propriedades ou os índios que deveriam ser destruídos por sua periculosidade e selvageria. Esse representa outro estereótipo fundamentado nas notícias e nos informes do exército dos séculos XIX e XX e apontado por Gerald Vizenor (1998). A grande maioria, senão a totalidade dos filmes descreve desta forma o velho oeste. Assim, Vizenor aponta dois estereótipos: o selvagem, que precisa ser destruído, ou a raça evanescente (o selvagem nobre, cuja tribo está extinta, mas que, por isso, torna-se servil e amigo dos brancos). Desta forma, ou os indígenas são os selvagens, ou semi-escravizados pelos brancos, e ‘felizes em servi-los’. O último estereótipo pode ser visto na representação de personagens como o índio Tonto, melhor amigo do zorro do velho oeste, o Cavaleiro Solitário, *Lone Ranger*, ou ainda Sexta-Feira, personagem de Defoe em *Robinson Crusoe*).

Já no início do século XX e final do século XIX, alguns índios publicaram suas histórias em revistas de circulação nacional, mas foram vistos como sucessos do processo de “assimilação” feito pelas *boarding schools* – escolas que educavam crianças indígenas forçadamente na cultura branca. Aqui, podem ser citadas obras de Zitkala-Ša, índia Yankton-Dakota, que mais tarde torna-se ativista pelos direitos indígenas e das mulheres; Charles Eastman (Santee-Dakota), médico que atendeu os poucos sobreviventes do massacre de Wounded Knee. Nesse período, tanto

políticas de assimilação quanto a distribuição de terras em reservas aos homens (chefes de família) acabam, mas suas consequências nefastas, como o alcoolismo, a perda da cultura, os grandes níveis de suicídio e miséria continuam presentes até hoje, rondando as reservas indígenas e cindindo sua identidade.

Embora lendas tenham sido publicadas em revistas especializadas no início do século XX e alguns relatos das traumatizantes experiências nas *boarding schools*, propagadas como exotismo ou resultado da “civilização” dos indígenas, apenas ocasionalmente foi ouvida a voz de um nativo, registrada na maioria das vezes pela pena de um homem branco. Exemplo disso é John G. Neihardt, que registrou as palavras de Black Elk, homem sagrado dos Oglala Lakota.

Para resgatar essas vozes, Dee Brown, historiador branco que havia morado muitos anos em reservas, elaborou, em 1970, utilizando-se de pequenas publicações e pictogramas de índios, um vasto relato histórico das atrocidades ocorridas nas várias tribos indígenas norte-americanas quando da conquista da América. Ao mesmo tempo em que chocou, o texto tornou-se um best-seller, tornando possível o conhecimento da história americana do ponto de vista daqueles que nunca foram ouvidos. O livro deu origem e foi inspirador de muitas obras cinematográficas, como *A man called Horse*, e *Little Big Man*, ambos de 1970. Das obras posteriores, a mais famosa é *Dances With Wolves* (1990), dirigido por Kevin Costner e baseado em romance de Michael Blake.

Atualmente, o governo americano reconhece a existência de 562 tribos, dentre muitas outras que foram extintas sem que houvesse relato sobre elas. De todas essas tragédias que se abateram sobre os nativos americanos, cabe-nos discorrer brevemente acerca da história de duas tribos que influenciaram diretamente a produção literária de Sherman Alexie, autor de *O Diário Absolutamente Verdadeiro de um Índio de Meio Expediente* (2009): os Coeur d'Alene e os Spokane.

Ambas são tribos da região sul dos Estados Unidos e estão localizadas próximo ao Rio Columbia, cujas fronteiras modernas pertencem aos Estados de Washington, Oregon e Idaho. Têm como meio de subsistência a pesca e o plantio de bagas e raízes.

Os Coeurd'Alene, cujo nome foi dado por comerciantes franceses no século XVII em razão das habilidades de negociação da tribo, possuem, de acordo com o site oficial, 2.190 membros em uma reserva de 345.000 acres de montanhas e lagos.

Há também na reserva um cassino que emprega vários membros da tribo e movimentada a economia da região.<sup>4</sup> Já os Spokane<sup>5</sup> vivem em 159,000 acres em Wellpinit, Washington, com população aproximada de 2.400 habitantes. Os poucos investimentos realizados ou políticas governamentais não melhoram de fato a realidade desse grupo, ao contrário, apenas corroboram para a manutenção da pobreza na região.

As duas tribos acima, pertencentes à Nação Indígena Nez Perces (também conhecidos como Interior *Salishan*), foram vítimas da colonização e ainda hoje vivem as consequências da introdução dos costumes dos homens brancos, como o alcoolismo e outros, que serão abordados no capítulo 3, assim como a maioria, senão todas, as nações indígenas sobreviventes ao processo de civilização.

## 1.2 Sherman Alexie

Nascido em 1966 na cidade de Wellpinit, na Reserva Indígena Spokane, estado americano de Washington, Alexie teve hidrocefalia e com apenas seis meses de idade passou por grave cirurgia, à qual os médicos não esperavam que ele sobrevivesse. Tendo passado boa parte da infância isolado como consequência das sequelas da cirurgia, o menor fez do estudo o seu refúgio e aprendeu muito cedo a lidar com o humor e a ironia: “Humor é autodefesa na reserva. Você faz o pessoal rir e os desarma. Você os engana. Você pode dizer coisas controversas ou rudes e eles ainda vão ouvir e rir”<sup>6</sup> (GRASSIN, 2005, p. 2).

Já adulto, Alexie recebeu vários prêmios por suas obras e passou a publicar poesias, romances, contos de ficção e roteiros de filmes. O livro *The business of Fancydancing*, seu primeiro livro de poemas publicado, ganhou o prêmio de livro do ano de 1992 pelo jornal New York Times. O roteiro do filme *Smoke Signals* (1998), baseado no conto *This is what means to say Phoenix, Arizona*, presente no livro *Lone Ranger And Tonto's first flight to Heaven* também foi premiado no *Tokyo International Film Festival* de 1998.

---

<sup>4</sup> <http://www.cdatribe-nsn.gov/cultural/Overview.aspx>

<sup>5</sup> <http://www.spokanetribe.com/>

<sup>6</sup> “Humor is self-defense on the rez. You make people laugh and you disarm them. You sort of sneak upon them. You can say controversial or rowdy things and they’ll listen or laugh”.

Grande parte dos romances e das poesias do autor possuem traços autobiográficos e têm como ambiente a Reserva Indígena Spokane. Sempre partindo de problemas locais para abordar questões mais amplas e humanas em geral, Alexie faz uso recorrente de alguns personagens, como o contador de histórias Thomas-Builds-The-Fire e o jovem rebelde Victor.

Sobre a necessidade dos povos indígenas de expressar seu ponto de vista, seja narrando em primeira pessoa ou inserindo elementos autobiográficos, como faz o escritor Sherman Alexie, Graça Graúna esclarece:

A busca pela palavra, mais precisamente a luta dos povos indígenas pelo direito à palavra oral ou escrita configura um processo de (trans)formação e (re)conhecimento para afirmar o desejo de liberdade de expressão e autonomia e (re)afirmar o compromisso em denunciar a triste história da colonização e os seus vestígios na globalização (GRAÚNA, 2013, p. 54-55).

Assim, embora não seja declaradamente autobiográfico por Alexie, o diário do jovem Arnold, justamente por contar fatos reais e pessoais da vida do autor, somados a elementos ficcionais, é nesta análise considerado de caráter autobiográfico e detentor das transformações, reconhecimentos, busca de afirmação e expressão citadas acima.

Ainda, de acordo com MOORE (2006, p. 297), os temas abordados por Alexie permeiam questões modernas e pós-modernas, tais como: barreiras psicológicas e sociais, opressão internalizada, violência, vícios, ausência paterna, tensões raciais. Recorrentes também são os tópicos de dor e humor, nervosismo e sobrevivência, amor e ódio, acordos desfeitos, manifestações do destino, basquete e batidas de carro. A visão que Alexie possui acerca de assuntos indígenas combinada com confissões autobiográficas estabelece um distanciamento do público, bem como é a chave para o tom irônico por ele utilizado. “Ele expressa as formas como as emoções e necessidades materiais atuam na América Indígena e em suas vidas, as surpreendentes maneiras que os seres humanos possuem de perseverar tanto na sabedoria quanto na insensatez, ou em ambas” (MOORE, 2006, 308)<sup>7</sup>.

O livro *O diário absolutamente verdadeiro de um índio de meio expediente* (2009), objeto deste trabalho, ganhou o prêmio National Book Award de 2007.

---

<sup>7</sup> “He expresses the ways emotions and raw needs play out in American Indian and do their lives, the astonishing ways that humans are able to persevere in either wisdom or foolishness, or both”.



Primeira obra do autor do gênero infantojuvenil, o livro foi banido em algumas escolas americanas das bibliotecas sob o argumento de que o romance aborda temas polêmicos, tais como o alcoolismo, a pobreza, o bullying, a violência e referências sexuais.

Em 04 de junho de 2011, a colunista estadunidense Meghan Cox Gurdon publicou no *The Wall Street Journal* um artigo intitulado *Darkness Too Visible: Contemporary fiction for teens is rife with explicit abuse, violence and depravity. Why is this considered a good idea?* (Escuridão visível demais: A ficção contemporânea para jovens está repleta de abuso explícito, violência e depravação. Por que isso é considerado uma boa ideia?), no qual critica a obra de Alexie e livros infantojuvenis em geral, acusando-os de incitar a violência, mostrar sexualidade exacerbada, causar terror e fomentar comportamentos pervertidos de jovens (GURDON, 2011). Como resposta, o autor publicou no mesmo jornal, cinco dias após, o artigo intitulado *Why the Best Kids Books Are Written in Blood* (Porque os melhores livros infantis são escritos com sangue). Nele o autor narra que muitos jovens lhe escrevem contando passagens da infância e adolescência onde há violência e abusos de toda ordem. Dessa forma, os temas abordados em *O diário absolutamente verdadeiro de um índio de meio expediente* (2009) são reais e fazem parte do cotidiano de muitas crianças e adolescentes, motivo pelo qual não podem ser ignorados e devem ser expostos e discutidos (ALEXIE, 2011).

Assim, a literatura infantojuvenil, tal qual a infantil, precisa delinear-se e pautar-se nas necessidades e características dos jovens (CUNHA, 2002, p. 22). Ela não pode se furtar, por exemplo, a abordar temas relacionados às diferenças étnicas, sejam elas relacionadas a negros, índios, mestiços. Como bem esclarece Ana Célia da Silva,

A ideologia do branqueamento e o mito da democracia racial parecem ter como causa fundamental o medo que a minoria branca tem da maioria negra e mestiça, e do possível antagonismo a ser gerado a partir da exigência de direitos de cidadania e de respeito às diferenças étnico-culturais. Isso porque a aceitação democrática das diferenças pressupõe igualdade de oportunidades para os seguimentos que apresentam padrões estéticos e valores sócio-culturais diferentes. Então, o respeito às diferenças implica numa reciprocidade de direitos em um sistema baseado na exploração do outro, desenvolve-se toda uma ideologia justificadora da opressão e interiorização, objetivando a destruição da identidade, da auto-estima e potencialidades do oprimido (SILVA, 1995, p.25).

A narrativa de Alexie, embora exponha elementos considerados prejudiciais à formação de adolescentes, como critica Meghan Gurdon, apresenta o indígena sendo oprimido dentro do contexto branco, assim como diferentes valores sócio-culturais muito distantes da tão pregada igualdade de oportunidades exaltada em democracias como a estadunidense. As personagens indígenas não devem ser aparecer vinculadas ao alcoolismo e a guerras, reforçando estereótipos e avaliações pejorativas. As histórias tristes e violentas acabam mantendo a condição de inferioridade à qual os nativos dos Estados Unidos da América foram relegados após a chegada do colonizador branco. Esse modelo repetido marca a população indígena como viciada e hostil e dificulta a modificação de papéis sociais.

Combatendo esses estereótipos, o livro *O diário absolutamente verdadeiro de um índio de meio expediente* (2009) narra a história do jovem índio Arnold Spirit Junior que, em busca de novas oportunidades e um futuro melhor, deixa a escola da reserva em que morava e vai estudar na escola de brancos da cidade vizinha. Trata-se de um livro com elementos autobiográficos, pois Alexie, assim como a personagem principal, nasceu com hidrocefalia, cresceu na reserva Spokane de Wellpinit e também teve um pai alcoólatra.

No decorrer da narrativa a personagem perde tragicamente a avó, matriarca da tribo, a irmã e o amigo do pai, Eugene, cujas mortes decorrem direta ou indiretamente do abuso na ingestão de bebidas alcoólicas.

Na escola Reardan, o jovem sofre em vários momentos preconceito por ser índio, embora a escola fosse a apenas 30 km de distância da reserva. Até então o único outro índio ali presente era o mascote desenhado que representava um índio bravo e com cocar. Tanto os alunos com agressões físicas e verbais, como os professores questionavam a presença de Arnold ali, invalidando os comentários de Arnold durante as aulas. Também na escola Junior conheceu e tornou-se amigo de Gordy, que o ensinou a apreciar a leitura, e Penélope, por quem nutria sentimentos românticos.

Por outro lado, na tribo, Arnold também era rechaçado por ter abandonado suas origens, sua escola e especialmente seu melhor amigo, Rowdy. Após entrar para o time de basquete de Reardan, Arnold foi duramente agredido durante uma partida entre a escola da reserva e a escola dos brancos. Após muitos conflitos, o jovem reconciliou-se com o amigo Rowdy e com a reserva. E é nesse conturbado

meio em que Arnold busca construir sua identidade, aceitando, afinal, sua identidade cindida e que pertencia a várias tribos.

A narrativa de Alexie possui linguagem simples, mas repleta de vivacidade e permeada de ironia. Marca, ao mesmo tempo, um adolescente de 14 anos inteligente e um autor adulto extremamente crítico, que possui grande leveza ao falar de assuntos tensos, como a morte.

## CAPÍTULO II – IDENTIDADE E ALTERIDADE

### 2.1 A Identidade do Sujeito Pós-Colonial

Tem-se discutido nas últimas décadas acerca da desconstrução<sup>8</sup> das perspectivas identitárias, que combatem a ideia de uma identidade una e originária. O crítico literário Stuart Hall, ao expor sobre o tema, entende que a discussão sobre identidade e sobre quem precisa dela aponta para duas possíveis hipóteses. Na primeira das hipóteses, a identidade é um conceito que existe “sob rasura”, ou seja, não pode ser compreendida com parâmetros antigos, bem como sem levar em consideração determinadas características. Parte dos problemas de análise surge da rigidez do conceito de identidade (HALL, 2000, p.103-104).

Assim, a identificação se dá por meio da diferença e abarca delimitações simbólicas. Segundo BONNICI (2011, p. 35), “a identidade pode ser definida como uma positividade (aquilo que a pessoa é) cuja referência é ela mesma. Se a identidade é autossuficiente e autônoma, a diferença, por ser uma oposição à identidade, é também uma entidade autossuficiente”. A construção de identidades perpassa necessariamente, pois, pela alteridade e pela diferença, na medida em que o sujeito afirma sua identidade diferenciando-se dos demais.

Para HALL (2005, p.10), existem três concepções de identidade: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. A primeira dessas três identidades tem como centro um indivíduo unificado, centrado, individualista, masculino e, sobretudo, racional. Já o sujeito sociológico engloba a complexidade do mundo moderno e necessidade de contato com outras pessoas e culturas. Nessa concepção, a identidade é formada por meio da interação entre a sociedade e o “eu”. E, a terceira concepção nasce do processo de identificação do sujeito com suas várias identidades culturais, variáveis e problemáticas. O sujeito pós-moderno não possui, pois, uma identidade fixa, essencial ou permanente.

Sobre as identidades modernas, Hall aponta cinco grandes avanços na teoria social e nas ciências humanas que culminaram no deslocamento das identidades: as tradições marxistas, a descoberta do inconsciente por Freud; os

---

<sup>8</sup> Referido termo foi cunhado por Jacques Derrida sobre elementos que estão entremeados nos textos e que encobrem significados e condutas (DERRIDA, 1995, p.16).

trabalhos do linguista estrutural Ferdinand de Saussure; a genealogia do sujeito moderno produzida por Foucault; e, o impacto do feminismo, que é tanto como uma crítica teórica quanto como um movimento social. Desta forma, as paisagens do mundo moderno apresentam-se fragmentadas pelos novos movimentos sociais que abrangem o feminismo, a liberdade nacional, a ecologia, entre outros (HALL, 2005).

Assim, Hall entende que as identidades nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Já a identidade nacional é um discurso que influencia e estabelece tanto nossas ações quanto a percepção que cada um tem de si.

No romance *O diário absolutamente verdadeiro de um índio de meio expediente* (2009), de Sherman Alexie, ora em análise, o protagonista Arnold Spirit Junior é um sujeito pós-moderno. O jovem vivencia os conflitos e dúvidas entre ser, ao mesmo tempo, índio da reserva ou índio desculturado, entre ser índio ou americano, entre ser índio ou “alguma coisa inferior a um índio” (ALEXIE, 2009, p.114). Arnold começa a questionar a própria identidade quando, após ser incentivado pelo professor P., pede transferência para a escola Reardan e deixa o ginásio da reserva indígena em busca de um futuro diferente dos pais e da irmã. A personagem, por certo, já notara diferenças entre os membros da reserva e os “brancos”, entretanto, essas diversidades se acentuam enormemente quando o jovem troca de escola.

No início da narrativa, a personagem diz:

Deem uma olhada no mundo. Quase todas as pessoas de pele marrom que são ricas e famosas são artistas. São cantores, atores, escritores, dançarinos e poetas.  
Por isso eu desenho. Sinto que talvez seja minha única possibilidade de escapar da reserva indígena (ALEXIE, 2009, p.16).

O jovem vê no desenho sua chance de ser reconhecido fora da reserva. Trata-se de uma tentativa de fugir de sua identidade cultural (nacional) e deixar de ser reconhecido apenas como índio. Porém, embora haja essa esperança, a realidade é oposta: “Nós, índios da reserva, não realizamos nossos sonhos. Não temos oportunidades. Nem escolha. Somos pobres, e ponto. Não passamos disso.” (ALEXIE, 2009, p. 25).

O momento em que Junior decide mudar a trajetória usual dos habitantes da tribo gera conflitos importantes para a personagem. Ele passa a ser duplamente

ignorado: na reserva por ter deixado a escola onde todos estudavam e procurar um destino diferente e em Reardan por, na qualidade de índio, ousar invadir um ambiente que não lhe pertencia. Em ambos os locais as diferenças marcam as ações e as atitudes contra o jovem. Tentando apenas modificar as parcas expectativas de vida que possuía, Junior era, em verdade, punido por sua ousadia.

Assim, na tentativa de se inserir na comunidade branca que desconhecia, Arnold chega a inventar histórias para justificar sua pobreza e as diferenças sociais, como no trecho em que diz ao colega Roger que estava vomitando de nervoso por ter esquecido a carteira em casa, quando na realidade não tinha dinheiro para pagar o lanche da namorada (ALEXIE, 2009, p. 172).

Arnold, então, tenta adaptar-se à nova realidade da escola de Reardan. Por exemplo, ao inventar tradições indígenas que não existiam para justificar seus atos, torna-se um índio que não existe. Além disso, há desconforto de ver sua identidade questionada: sem poder ser índio e tornando-se outra pessoa, ele se torna menos que índio, como vemos no trecho abaixo:

Algo estranho estava acontecendo comigo.  
Espinheiro e solitário, eu acordava na reserva como um índio e, em algum ponto da estrada, me transformava em alguma coisa inferior a um índio.  
E quando chegava a Reardan, já havia me tornado algo menos do que um índio.  
Os meninos e as meninas brancas não falavam comigo.  
Mal olhavam pra mim. (ALEXIE, 2009, p. 114)

Esse excerto é extremamente importante ao mostrar que Arnold deixava a reserva para trás todos os dias na busca de uma identidade que ele não compreendia, que não era indígena, mas que, pela péssima recepção em Reardan e pela diferença, também não era branco. Assim, Arnold deixa de ser um índio, e passa a ser algo menos que isso; deixa de ser o índio da reserva (por isso o título, índio de meio expediente), para se tornar nada. Sobre essa identidade cindida, essa diferença latente entre índios e brancos no caso da personagem, Hall entende que é necessário vincular tais discussões aos processos de globalização, os quais, segundo ele, coincidem com a modernidade e as migrações forçadas que têm se tornado um fenômeno global no mundo pós-colonial (HALL, 2000, p. 108). É importante ressaltar, todavia, que antes da globalização “o colonialismo (...) tentou inserir o colonizado no ‘tempo homogêneo vazio’ da modernidade global, sem abolir

as profundas diferenças ou disjunções de tempo, espaço e tradição” (HALL, 2003, p. 55).

Tais fenômenos são facilmente visualizados na narrativa de Alexie. O narrador-personagem e sua tribo, vítimas de séculos de colonização repletos de massacres e injustiças, foram silenciados e relegados a papéis secundários e fixos na sociedade americana. Como exposto anteriormente, a colonização alterou a estrutura das tribos. As antigas formas de subsistência e trabalho foram substituídas por empregos subalternos, inclusive nos cassinos instalados nas reservas. Grande parte dos adultos tornou-se alcoólatra. Além disso, costumes deixaram de existir. Porém a globalização trouxe também a oportunidade de levar os costumes da tribo para lugares distantes, bem como possibilitar a comunicação entre os membros da tribo, como na oportunidade em que a irmã de Arnold lhe envia um e-mail contando notícias.

O duplo deslocamento decorrente das transformações da vida moderna que abalam as identidades pessoais decorrem da descentração dos sujeitos de seus lugares na sociedade e em relação a si mesmos (HALL, 2005, p. 9). Assim, auto-avaliações fixas, estanques e coerentes, quando postas frente às inseguranças e questionamentos, geram tensões individuais. No romance, o jovem Arnold Spirit Jr. não considerara a possibilidade de ter um futuro semelhante ao dos pais até se deparar com o mesmo livro didático que fora de sua mãe há muitos anos: “(...) aquele livro de geometria velho e decrépito atingiu meu coração com a força de uma bomba nuclear. Minhas esperanças e meus sonhos voaram em uma nuvem de cogumelo” (ALEXIE, 2009, p. 48).

Naquele instante, o narrador-personagem entende o quanto os métodos, bem como os materiais de ensino que lhe eram fornecidos, estavam defasados e como isso afetaria sua esperança de ter um futuro melhor, ou apenas diferente do futuro sem perspectiva de seus pais.

Porém, sem o incentivo do professor P., Junior não teria ousado discordar do ensino na tribo. Frise-se que não apenas a educação foi objeto de dúvida por parte da personagem, mas também o futuro profissional, a qualidade de vida, entre outras preocupações.

Arnold não entendeu de imediato quando o professor P. pediu desculpas, vez que a personagem acabara de jogar um livro na cabeça do professor. Na verdade, o professor pedia desculpas por naquele momento contribuir de certa forma para a

falta de expectativas do futuro do garoto. Pode-se inclusive pensar no professor como metáfora dos brancos pedindo desculpas e o jovem Arnold como representação de todos os indígenas.

O professor P. era um sujeito branco de personalidade cindida: esquecia de ir para a escola, ou seja, de trabalhar; morava na reserva em uma casinha de um quarto que cheirava mofo; às vezes dava aula de pijamas; era solitário e gostava de estar por perto de índios ainda mais solitários. Ou seja, o professor P. não pertencia à comunidade dos brancos e tampouco à comunidade indígena. Assim, pode-se dizer que, por não se enquadrar na comunidade dos brancos, estar na reserva era uma espécie de punição (ou de autopunição) para o Professor P.

O momento em que Arnold decide mudar de escola e discordar de toda a tribo dá início a seu processo de fragmentação. Em várias oportunidades o jovem é condenado e excluído pela tribo, como no jogo de basquete em que defendia a escola Reardan:

Quando nosso ônibus parou no estacionamento da escola, fomos recebidos por um bando de guris da escola. Alguns daqueles carinhas eram meus primos. Eles atacaram nosso ônibus com bolas de neve. E algumas daquelas bolas estavam recheadas de pedras (ALEXIE, 2009, p. 193).

Os meninos da reserva detestavam os brancos e o que eles representavam. De acordo com Hall, “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” e “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (HALL, 2005, p. 13). Assim, em busca de sua identidade, Junior assumiu a posição de índio traidor na tribo, e de ousado na escola de brancos. Sobre essas mudanças, Hall esclarece:

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpretado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de *diferença* (HALL, 2005, p. 21).

Politicamente, o índio era inexistente em uma escola branca. Sua identidade, então, antes de ser um menino, era o fato de ser diferente. Além disso, o discurso o



fazia diferente, o que ocasionava a divisão de identidade. Ao viver apenas na reserva, ele era “mais um”, um índio fadado ao fracasso, sofrimento e alcoolismo, como várias das outras personagens do texto que nunca conseguiram fugir de suas realidades como o “o outro” da reserva (a irmã pretendia ser escritora e nunca conseguiu, a mãe queria ser professora e o pai sonhava em ser músico).

Há, pois, na trajetória do narrador-personagem um rompimento cruel com a condição anterior de índio da reserva que culmina em um processo intermitente de crises internas. Assim, Arnold não segue a idéia do sujeito moderno cartesiano indivisível e unificado. Ao contrário, Junior vive a angústia do não ser, provocada pelo rompimento com o conhecido – reserva – e a não adaptação devido à diferença com o desconhecido – nova escola e novos colegas de classe.

Na narrativa, a angústia de Arnold é ser “alguma coisa inferior a um índio” (ALEXIE, 2009, p.114). Na reserva ele passou a ser visto como um traidor e foi ignorado por todos, inclusive por seu melhor amigo Rowdy. Na escola a situação não foi diferente: “Eu ia de uma aula pra outra sozinho; almoçava sozinho; na aula de educação física, ficava em um canto, batendo bola comigo mesmo.” (ALEXIE, 2009, p. 115).

E, concomitantemente a esse processo de fragmentação do indivíduo, há também a identificação, que Freud chama de “a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa (HALL, 2000, p. 107)”. Assim sendo, a identidade é algo formado, ao longo do tempo, através de métodos inconscientes, e não algo congênito, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela está sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” (HALL, 2005, p. 38).

O autor entende, pois, que não há que se falar em identidade fixa e estanque, mas em um processo contínuo de identificação (HALL, 2005, p. 39). Para complementar esse processo, os indivíduos participam da representação cultural inserindo-se em entidades políticas chamadas nações. A narrativa dessas nações confere significado e importância às nossas existências e nos conecta a “um destino nacional que preexiste a nós e continua existindo após nossa morte” (HALL, 2005, p. 52).

Sobre esse processo de identificação, Arnold é, no início da narrativa, um índio em uma reserva sem perspectiva. Pobre e sem direito a uma educação digna, ele assim se define: “Eu represento um zero na reserva” (ALEXIE, 2009, p. 28). Após

passar a estudar em Reardan, o jovem começa a comparar a realidade em que vivia e os brancos com os quais passa a ter contato e descobre:

Em primeiro lugar, descobri que era mais inteligente do que a maioria daqueles meninos brancos.  
Ah, sim, havia umas duas meninas e um menino que eram pequenos Einsteins, e não tinha como ser melhor do que eles. Mas eu era muito mais inteligente do que que 99 por cento dos outros. E não apenas inteligente para um índio, compreende? Eu era inteligente, e ponto final (ALEXIE, 2003, p.115).

Assim, no final da narrativa, Arnold passa a compreender mais sobre a realidade dos brancos e encontra sua própria identidade da forma mais indígena possível: o pertencimento a uma identidade múltipla e grupal. A personagem resolve seus conflitos e aceita sua identidade cindida e múltipla, bem como o fato de pertencer a várias tribos, como à tribo dos meninos adolescentes, dos cartunistas, dos filhos amados, dos meninos do interior, entre outras tribos.

## 2.2 A Identidade Grupal/Nacional

Partindo de um mito fundacional, as histórias das origens das nações se distanciam do tempo hodierno e aproximam-se de um tempo mítico (HALL, 2005, p. 54-55). São histórias que fixam o nascimento de um povo a um muito passado distante e glorioso. São tradições concebidas onde os acontecimentos menos gloriosos tornam-se ininteligíveis. Assim o discurso nacional se equilibra entre retornar a glórias passadas e avançar em direção à modernidade.

Podemos verificar na narrativa em análise que o passado é diversas vezes apontado. Não há, todavia, uma ligação estreita com glórias e conquistas indígenas, mas com séculos de colonização que distorceram tanto a história dos índios quanto o mito fundacional americano de sociedade justa e igualitária. O Dia de Ação de Graças, por exemplo, mito fundacional da comunidade estadunidense, é questionado, uma vez que pouco se fala da presença dos índios e do massacre de inúmeras tribos por doenças e armas durante os primeiros contatos com os colonos. Utilizando-se de ironia, as personagens fazem piada com o Dia de Ação de Graças:

– Ei, Pai – perguntei –, por que os índios devem dar tantas graças a Deus?

– Devemos ser gratos por não terem matado todos nós.  
Demos boas gargalhadas. (ALEXIE, 2009, p. 139-140)

No trecho acima o protagonista questiona o pai acerca da necessidade de comemorar o Dia de Ação de Graças se há pobreza e tristeza entre os índios como consequência da colonização. A resposta do pai refere-se ironicamente aos milhares de índios que morreram de doenças e em conflitos com os colonos, como narrado no capítulo anterior. Como escola literária, o romantismo americano traz de volta o puritanismo, e não ao passado indígena, como pode ser visto nas obras de Nathaniel Hawthorne (VANSPANCKEREN, 1994, 37). A idealização e romantização do Dia de Ação de Graças, portanto, é não apenas a busca desse passado puritano idealizado, mas a identificação de traços para construção da identidade nacional estadunidense.

Os brancos, em geral, têm pouco conhecimento dos motivos das guerras indígenas, pois se prendem a modelos nacionais que não incluem indígenas, negros, orientais ou quaisquer outros imigrantes que fazem parte da vida estadunidense e da construção da identidade nacional. Isso leva ao desconhecimento da vida dos oprimidos, vistos apenas como seres exóticos, não pertencentes à identidade nacional estadunidense. Esse ponto é mostrado na narrativa de Alexie, quando Arnold relata o seguinte episódio: durante o velório da avó de Arnold, um branco que se considerava conhecedor da cultura dos índios aparece para devolver uma roupa de pow-wow (festa indígena que reúne diversas tribos e que foi proibida por muito tempo, sendo liberada apenas após a década de 1970). O traje supostamente pertenceria à vovó Spirit, mas, ocorre que o traje pertencia aos Sioux ou Oglala, e não à tribo Spokane. Tal fato gera risos incontroláveis durante o velório.

Pode-se verificar também que não há na personagem os três conceitos que Hall aponta como constituintes de uma “comunidade imaginada”: as memórias do passado, o desejo por viver em conjunto e, a perpetuação da herança (HALL, 2005, p. 58). Há que se ressaltar, todavia, que existe o respeito à sabedoria dos ancestrais, representados pela avó.

Ainda que os conselhos da idosa não parecessem muito coerentes, eram engraçados e sempre com o intuito de proteger a família:

- Ele me chamou de “chefe” e de “filhote de índia”.  
 - Então você deveria ter dado um chute no saco dele.  
 Ela fingiu ter dado um chute em um sujeito grandalhão, e nós caímos na risada. (ALEXIE, 2009, p. 97)

A avó é a personagem que mais representa a tradição na tribo. Ainda que presentes as diferenças de seus membros em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional buscará unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma família nacional (HALL, 2005, p. 59). Há uma tentativa de homogeneizar os índios, como no trecho abaixo:

Ficaram me encarando. Não desgrudavam os olhos do menino índio de olho roxo e nariz inchado, presentes de despedida de Rowdy. Aqueles meninos brancos não conseguiam acreditar no que seus olhos estavam vendo. Olhavam-me fixamente como se eu fosse um ser extraterrestre saído de um óvni. O que eu estava fazendo em Reardan, cidade cujo mascote era um índio? Eu era o único índio da cidade. (ALEXIE, 2009, p. 81-82)

A condição de índio marca toda a diferença entre o narrador-personagem e todos os outros personagens. A comunidade em que Arnold vivia era pequena e com habitantes muito pobres, a maioria deles com vidas muito simples e sem qualquer expectativa de mudança. O alcoolismo agia diretamente sobre as famílias, inclusive a do jovem Arnold. Já os adolescentes uniam-se pelo esporte, em uma tentativa de buscar um futuro melhor. A identidade desse grupo une-se fortemente pelo reconhecimento e orgulho da condição de índio, e por isso os integrantes da tribo discordam da vontade de Arnold Spirit Junior de buscar um futuro diferente. Já os personagens da escola Reardan entendem como ousadia a atitude do jovem, que não respeita a superioridade branca e sua condição de colonizado.

Sobre esse racismo, Gilroy discorre:

Enfrentamos, de forma crescente, um racismo que evita ser reconhecido como tal, porque é capaz de alinhar “raça” com nacionalidade, patriotismo e nacionalismo. Um racismo que tomou uma distância necessária das grosseiras ideias de inferioridade e superioridade biológica busca, agora, apresentar uma definição imaginária da nação como uma comunidade cultural unificada. Ele constrói e defende uma imagem de cultura nacional – homogênea na sua branquidade, embora precária e eternamente vulnerável ao ataque dos inimigos internos e externos... Este é o racismo que responde à turbulência social e política da crise e à grandeza nacional na imaginação. Sua construção onírica de nossa ilha

coroada como etnicamente purificada propicia um especial conforto contra as devastações do declínio (nacional) (GILROY, 1992, p.87)”.

Essa comunidade cultural unificada americana é contestada no romance pelo narrador-personagem que, ao comparar duas realidades distintas, acaba por definir uma nova identidade híbrida como sua. Arnold não compartilha a idéia de comunidade unificada por deslocar-se entre dois contextos muito diferentes o tempo todo: a reserva e a escola Reardan. Assim, por reconhecer-se parcialmente em ambos, o jovem busca se integrar. E é dessa junção de realidades que nasce a personagem híbrida da narrativa.

### **2.3 Alteridade e Outremização**

É importante frisar neste momento que a existência de duas realidades, ou seja, de um “padrão” considerado “normal/modelo” e um “desvio”, como o branco x índio demonstrado no livro em análise, pode ser compreendida a partir do conceito de Orientalismo, do escritor palestino Edward Said.

Said apresenta três importantes considerações acerca desse estudo. Na primeira delas o Orientalismo é um modo de abordar o Oriente partindo da experiência ocidental europeia. O Oriente é o Outro, fonte de civilizações e línguas distintas, o rival cultural que recebeu inúmeras colônias inglesas, francesas, espanholas e portuguesas. Em segundo lugar, o Orientalismo “é um estilo de pensamento baseado numa distinção ontológica e epistemológica feita entre o Oriente e (na maior parte do tempo) o Ocidente”. E, por fim, trata-se de uma forma ocidental para dominar, reestruturar e governar o Oriente, destituindo-lhe a cultura e o valor (SAID, 2007, p. 27-29).

Mas qual a ligação entre essa corrente teórica e o jovem Arnold Spirit Junior? O Orientalismo deve ser examinado como um discurso que dirige a cultura europeia como superior e recria o Outro ideológica, sociológica e politicamente. Assim, justaposto à realidade americana, o índio é o Outro, o colonizado, aquele cuja cultura é inferior e que deve se adaptar à cultura “válida”, ou seja, a cultura branca.

O Orientalismo é, assim, um discurso que torna inferior e invisível as sociedades não europeias. Trata-se de uma relação de domínio e superioridade que engloba vários graus de poder. Na narrativa histórica, a hegemonia branca reafirma

a “superioridade” branca imposta durante os séculos de colonização americana e reitera o suposto atraso indígena. Anula-se a capacidade de um pensador mais independente e crítico ter opiniões divergentes sobre a validade da cultura. A obra mostra o ponto de vista de uma cultura considerada inferior, portanto, alterizada, que sofre o orientalismo. O jovem Arnold, por exemplo, além de ignorado por suas escolhas, ainda é severamente atacado física e verbalmente pelos integrantes da tribo e pelos colegas de Reardan, como será melhor estudado no Capítulo III.

Para compreender essa forma de discurso e tentar remediar suas consequências, Said (2007) propõe três soluções importantes: a distinção entre o conhecimento puro e o conhecimento científico, a questão metodológica e a dimensão pessoal.

De acordo com o teórico, há um consenso geral de que o conhecimento verdadeiro é apolítico. Quanto mais distante da política, mais reconhecida é a área. Entretanto, essa máxima não é verdadeira e prejudica sobremaneira a importância de algumas áreas de estudo. Em verdade, grande parte das informações transmitidas têm cunho político e se abster dessa realidade é aceitar o discurso de que existem sociedades superiores e inferiores. A política mantém índios separados de brancos, ricos de pobres, etc. O discurso é que os índios não podem falar por si mesmos e, por isso, há algum branco para falar por eles. A obra estudada, no entanto, retrata um indígena questionando o mundo em que vive sob suas perspectivas.

Said (2007) acredita, por exemplo, que o interesse europeu e depois americano no Oriente sempre foi político, porém as culturas ricas e díspares que encontraram nas colônias contribuíram para criar o discurso do Orientalismo. O mesmo pode ser aplicado à obra em análise. O interesse inicial dos colonos americanos era político, queriam dominar administrativa e economicamente as terras recém-descobertas. A riqueza da cultura indígena acabou criando então uma curiosidade sobre os nativos. A personagem Ted, branco e rico, compra itens indígenas “raros” e se diz “grande admirador” da cultura, porém não é capaz de fazer simples distinções de trajes e tribos. O interesse da personagem é meramente superficial, uma excentricidade de um branco rico.

Essa forma de discurso dissemina uma consciência geopolítica em textos estéticos, econômicos, sociológicos e históricos e divide o mundo em partes desiguais, uma considerada boa e a outra inferior. E essa fala se mantém ao longo

dos anos por meio da manipulação e reconstrução de conceitos sociológicos, psicológicos etc. Trata-se, principalmente, de

um discurso que não está absolutamente em relação correspondente direta com o poder político ao natural, mas antes é produzido e existe em intercâmbio desigual com vários tipos de poder, modelado em certa medida pelo intercâmbio com o poder político (como um regime imperial ou colonial), o poder intelectual (como as ciências dominantes, por exemplo, a linguística ou a anatomia comparadas, ou qualquer uma das modernas ciências políticas), o poder cultural (como as ortodoxias e os cânones de gosto, textos, valores), o poder moral (como as ideias sobre o que “nós” fazemos e o que “eles” não podem fazer ou compreender como “nós” fazemos e compreendemos) (SAID, 2007, p. 40-41).

O discurso propagado pelo Orientalismo nos leva a perceber e compreender o imperialismo político que conduz instituições reconhecidas das mais diversas áreas. A esse respeito, por exemplo, a grande maioria dos escritores do século XIX estava ciente do poderio exercido pelo império. Dessa forma, o discurso ocidental é político, e perpassa para outros campos, como a cultura, que auxilia sobremaneira a construção da imagem do Outro e do outro, o dominante, e o dominado. A cultura, assim, não é algo deve ser rechaçado, para Said. Ao contrário, ela deve ser compreendida como uma forma produtiva e não apenas inibidora de persistência e durabilidade de sistemas hegemônicos. Vemos, em *O Diário Absolutamente Verdadeiro de um Índio de Meio Expediente* (2009) várias formas de discurso: o professor, que presume que Arnold está errado em uma questão de ciência pelo simples fato de ser índio, entre outras tentativas de silenciamento do indígena. No entanto, a obra representa a voz do próprio índio contando sua história, o que contraria o discurso da hegemonia.

Sobre a questão metodológica, Said parte das experiências britânica, francesa e americana, que criaram o discurso da superioridade imperial europeia sobre as colônias. O Orientalismo britânico e francês deu origem ao que o autor chama de “imperialismo de mentalidade colonial explícito”, ou seja, a ideia de que todo o produto social e cultural produzido na colônia era inferior. Somado a esse processo, após a Segunda Guerra Mundial o Orientalismo americano fomentou referido imperialismo/ superioridade (SAID, 2007, p. 48).

E essa superioridade é estabelecida pela autoridade, que é, de acordo com o autor, disseminada, persuasiva e estabelece cânones de gosto e valor, “é virtualmente indistinguível de certas ideias que dignifica como verdadeiras, e de

tradições, percepções e julgamentos que forma, transmite, reproduz. Acima de tudo, a autoridade pode, na verdade deve, ser analisada.” (SAID, 2007, p. 49-50). O próprio discurso do professor de ciência citado acima é uma reprodução de um conhecimento do senso comum, de que índios não podem conhecer coisas científicas e ter mais conhecimento que um branco adulto e ainda por cima, na posição de detentor do conhecimento. Também falamos aqui, sobre diversos outros tipos de autoridade: o adulto sobre o adolescente, o professor sobre o aluno.

No entanto, na obra estudada o nativo tem voz, e contesta a autoridade, como será demonstrado adiante, quando analisaremos os conflitos internos e externos das personagens, que geram outros conflitos, tais como os raciais e sociais.



## CAPÍTULO III – CONFLITOS SOCIAIS E RACIAIS: RESISTÊNCIA

Após a compreensão do conflito identitário no capítulo anterior, devemos analisar os conflitos aparentes, que envolvem outras personagens e como suas representações são construídas na narrativa. Para tanto, é fundamental enumerar os vários conflitos existentes no texto e em seguida a forma como a resistência se dá em cada um deles.

### 3.1 – Conflitos

#### 3.1.1 Tradição X Modernidade

Podemos observar na obra *O diário absolutamente verdadeiro de um índio de meio expediente* (2009) que há em certos momentos um duelo entre a tradição e a modernidade. Enquanto é criticado por abandonar suas origens e deixar a escola da reserva pelos demais índios, Arnold participa, questiona, aprende e gosta da escola dos brancos. A personagem respeita e defende seus costumes, mas também entende que a modernidade, aqui entendida como educação de qualidade e condições de vida mais dignas, trará melhorias não apenas a ele, mas para todos os índios.

A resolução do conflito de Arnold sobre a escola não é branda, mas o jovem consegue superar as dificuldades encontradas, identificando-se tanto com os costumes e tradições indígenas quanto com os conhecimentos adquiridos em Reardan e com os colegas brancos, passando a ter várias tribos.

Ainda, uma das personagens que Arnold mais admira e respeita é a Vovó Spirit, figura que mais representa a tradição indígena. Ela é respeitada por todos na tribo e mais de dois mil índios comparecem a seu velório, por exemplo. Entretanto, trata-se de uma tradição híbrida, vez que a idosa absorve comportamentos dos brancos quando usa tênis, vende amuletos supostamente sagrados na internet e dá conselhos pouco ortodoxos aos demais, inclusive para o neto Arnold.

De acordo com o cartum feito pelo jovem, a avó fazia uma deliciosa papa de salmão (comida típica dos índios da nação *Salishan*, à qual sua tribo *Spokane* pertencia, uma vez que se trata de tribo de pescadores), usava um vestido velho e

barato, tinha sempre um lenço colorido na cabeça que indicava a atividade que ela estava realizando, calçava tênis de basquete e ganhava a vida vendendo chaveiros “altamente sagrados” na internet.

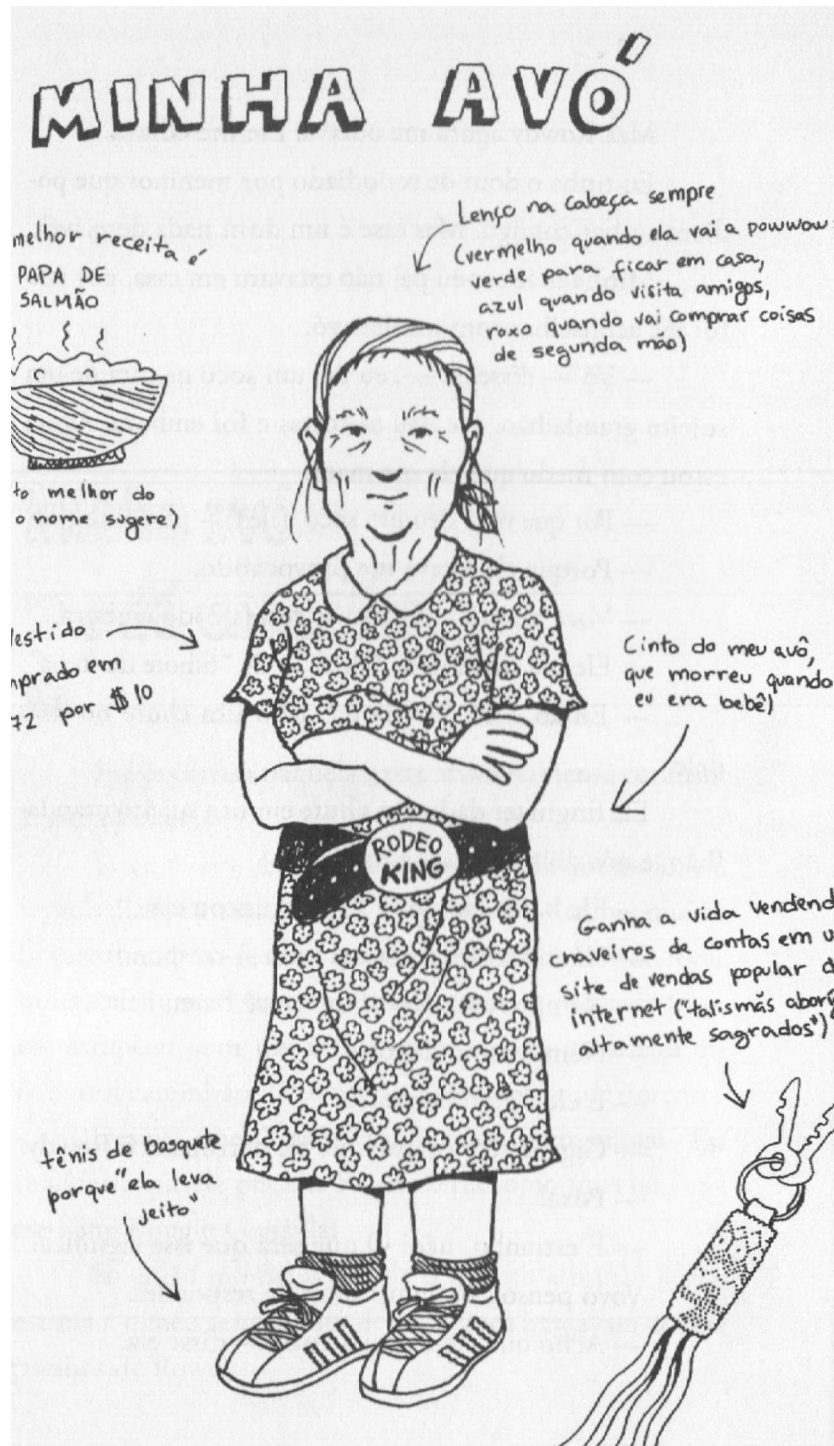


Figura 4

A Sra. Spirit é a personagem que mais representa a tradição indígena: uma mulher lutadora e sábia, que não se entregou ao alcoolismo, que dá bons conselhos e não perdeu seu bom humor. Porém, como a figura sugere, ela representa também a união entre a tradição e a modernidade: usa artefatos da cultura branca como o tênis de basquete, vende seus produtos na Internet e escuta Jimi Hendrix. Todos da tribo gostavam muito dela e a respeitavam. Logo após uma briga na escola, por exemplo, Arnold procurou a avó para pedir conselhos:

— Vó — eu disse —, eu dei um soco na cara de um sujeito grandalhão. Ele deu as costas e foi embora. Agora estou com medo que ele me mate.  
 — Por que você deu um soco nele? — perguntou ela.  
 — Porque ele estava me provocando.  
 — Você deveria ter dado as costas e ido embora.  
 — Ele me chamou de “chefe” e de “filho de índia”.  
 — Então você deveria ter dado um chute no saco dele.  
 Ela fingiu ter dado um chute em sujeito grandalhão, e nós dois caímos na risada (ALEXIE, 2009, p.97).

Verifica-se no diálogo que a avó inicialmente questiona a atitude do neto, indagando o motivo da agressão por ele cometida. Para ela o ideal seria que ele ignorasse as provocações e fosse embora, estimulando um comportamento mais pacato e menos agressivo, com o início da conversa parecendo com aquelas tradições indígenas de se ouvir os mais velhos. Por certo, pode-se até aqui comparar o conselho dado com as condutas dos primeiros nativos que receberam os colonos, quando os ajudaram a plantar para sobreviver às adversidades encontradas fora da realidade europeia.

Entretanto, no momento em que o neto conta que foi ofendido em razão de sua origem indígena e com palavras depreciativas, a avó muda rapidamente de discurso de maneira bem humorada. O conselho sábio toma ares de comédia quando a idosa oferece uma solução que atingisse a masculinidade do oponente. Não bastasse a ousadia do conselho, a senhora ainda representa a cena de forma cômica.

Outro ponto importante sobre a vovó Spirit é o fato dela se manter vendendo “talismãs aborígenes altamente sagrados” na internet. Em várias passagens Arnold comenta na narrativa as dificuldades que os membros da tribo, inclusive seus pais, possuem para conseguir se sustentar. Muitos trabalham em subempregos, enquanto uma das mais idosas da tribo utiliza a internet para sobreviver. Esse aspecto não

deixa de ser um subemprego, pois, o trabalho possivelmente não lhe garante muito dinheiro. No entanto, paradoxalmente ao fato de ela ser a indígena mais tradicional apresentada na obra, ela também é a que vai mais longe *online*.

Já os “talismãs aborígenes altamente sagrados” não são nada mais que chaveiros com motivos indígenas confeccionados por ela. A simplicidade e astúcia da avó são latentes no texto, o que justifica a admiração que recebe da tribo. Sua própria participação no mundo branco *online* pode ser lido como resistência, uma vez que ela penetra no mundo branco para negociar algo que, bem ou mal, representava o mundo indígena, da forma que os indígenas gostariam que os brancos vissem.

Entretanto, embora fosse essa figura amável e esperta, a vovó Spirit não escapou da triste realidade indígena: foi atropelada por um motorista bêbado. Novamente podemos aproximar a narrativa aos eventos da colonização americana. Durante os primeiros séculos de contato entre os colonos e os índios, muitos foram os nativos que morreram não em razão de confrontos diretos, mas devido às consequências das doenças, das guerras, do alcoolismo etc. Desde o início da colonização, e especialmente a partir do século XIX, o alcoolismo era utilizado como arma pelos brancos para viciar os homens com o objetivo de roubarem as terras indígenas, ou seus recursos.

Para mostrar ainda mais o valor da avó como representante da tradição e reforçar a coragem da personagem, como último desejo no leito de morte, a matriarca da família pediu que perdoassem o homem bêbado que a atropelara. Para Arnold, o pedido da avó apenas demonstrava que ela era melhor que todos os demais, pois suas últimas palavras tinham sido de amor e tolerância. A personagem conclui então, numa fala cheia de mágoa e tristeza:

Espera-se mesmo que os avós morram antes, mas que morram de velhice ou de doença. Ataque cardíaco, derrame, câncer, Alzheimer, coisa assim.

**MAS NINGUÉM ESPERA QUE MORRAM ATROPELADOS POR UM MOTORISTA BÊBADO.**

Muitos índios acabam morrendo porque bebem demais. E muitos índios bêbados matam outros índios bêbados.

Mas minha avó nunca tomou bebida alcoólica em toda sua vida. Nem uma gota. Este é tipo de índio mais raro do mundo.

Só conheço uns cinco índios da nossa tribo que nunca beberam.

E minha avó era uma. (ALEXIE, 2009, p. 214)

O velório da personagem durou três dias e mais de dois mil índios compareceram para se despedir. Segundo Arnold, a avó teria adorado o “bota-fora”: “Foi muito doido, engraçado e triste ao mesmo tempo” (ALEXIE, 2009, p. 218).

Vemos, assim, que o conflito entre a tradição e a modernidade é pernicioso ao indígena. Durante toda a narrativa o abuso de bebidas alcoólicas é condenado por Junior e é bem esse o elemento da “modernidade” que mata a “tradição”, representada pela avó, que jamais ingerira álcool, mas que morreu atropelada por um motorista bêbado. A avó é, no entanto, um exemplo de como a tradição e a modernidade podem conviver pacificamente para benefício dos indígenas, mesmo sendo uma tradição híbrida, uma vez que a cultura que pode ser chamada de tradicional indígena deixou de existir como era no período pré-colombiano. No entanto, a “modernidade” pernicioso aos indígenas acaba assassinando figurativamente e verdadeiramente a tradição híbrida na figura da avó.

### 3.1.2 Índios X Brancos

Há na narrativa os conflitos envolvendo índios e brancos. O conhecimento do indígena, por exemplo, é questionado quando Arnold corrige uma informação lançada em sala de aula pelo professor Dodge e o docente questiona ironicamente a superioridade dos conhecimentos transmitidos na tribo.

A visão estereotipada dos indígenas que já foi anteriormente apontada na análise histórica e nas considerações acerca da alteridade, também será discutida nas imagens presentes no livro que serão avaliadas no próximo capítulo.

Como solução desse embate, Arnold, o índio que contraria os “padrões” preestabelecidos e é inteligente, passa a conviver entre dois mundos: o mundo indígena e o mundo branco. A personagem busca conciliar ambos, apesar de sua identidade cindida e de ser “um índio de meio expediente”, ou seja, parte índio e parte que tenta negociar seu lugar entre os brancos, sem ser índio ou branco, tentando superar no mundo branco as dificuldades encontradas na realidade indígena. A resolução ocorre, então, no fato de que, em dado momento, ele se torna “parte de várias tribos”.

### 3.1.3 Homens Indígenas X Mulheres Indígenas

O homem indígena quando comparado ao europeu colonizado é condenado à condição de subalterno, inferior. A situação da mulher indígena é ainda pior, pois há uma dupla colonização, vez que, além de não ter voz por ser colonizada, ela ainda não possui voz dentro da tribo por ser mulher.

Na narrativa, as mulheres apresentadas buscam solucionar os problemas com os quais se deparam utilizando meios mais sutis. Diante do alcoolismo do marido, por exemplo, a mãe de Arnold para de beber e tenta resolver os problemas familiares, buscando o marido nas bebedeiras, explicando ao filho que não possuíam dinheiro para levar o cachorro doente ao veterinário etc.

A personagem, contudo, é também um exemplo de como os sonhos dos indígenas podem ser destruídos diante da falta de perspectiva. Ela sonhava em ser professora e gostava muito de ler, porém não pôde concretizar seus desejos em razão da pobreza em que viviam e da falta de perspectivas.

Outra personagem feminina muito importante é a irmã de Arnold, Mary. A garota era inteligente e gostava muito de ler, mas depois de terminar o colégio não arrumou emprego nem tão pouco entrou para a faculdade. O jovem descreve a irmã de forma vívida e cheia de admiração: “ela é bonita, forte e engraçada. Ela é a pessoa mais bonita, mais forte e mais engraçada que já passou vinte e três horas de um dia em um porão sozinha” (ALEXIE, 2009, p.42).

O excerto acima também descreve o fato de a irmã passar os dias fechada em um porão, como se houvesse desistido de viver a pobreza da reserva e a ruína de seus sonhos de escritora, fugindo para dentro si mesma, as profundezas de um porão. Mary era imprevisível e foi apelidada pela família de “Mary Fujona”. Segundo o cartum e a descrição de Arnold, ela parecia com a Jennifer Lopez, tinha um raio tatuado na nuca, marcas de acne no rosto e usava roupas de marca roubadas.

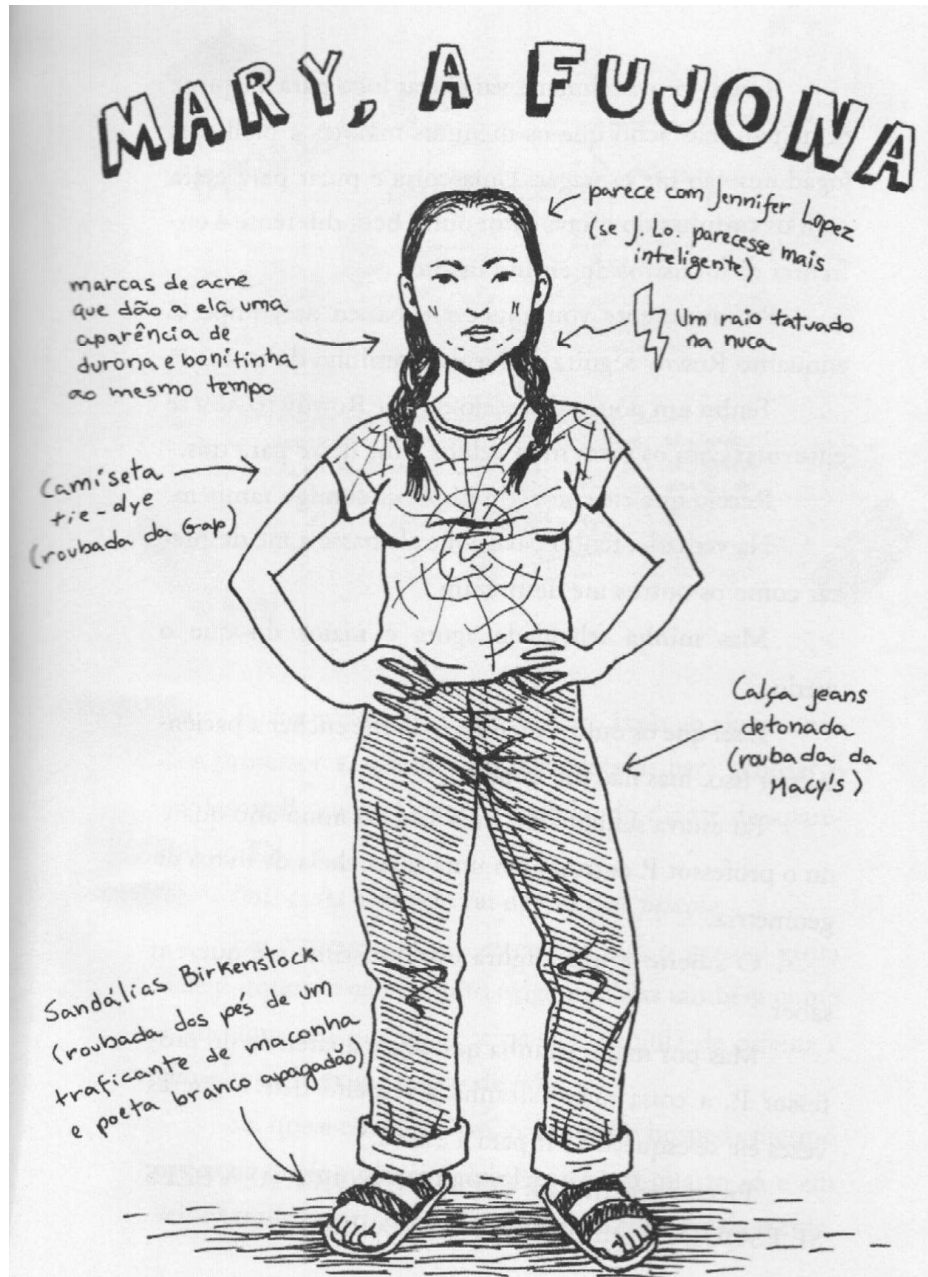


Figura 5

Ela gostaria de escrever romances de amor como os que lia, mas reescrevê-los com personagens índios. As histórias narrariam o caso de amor entre mulheres brancas indefesas e mestiços índios guerreiros. Arnold desenhou a capa desses livros:



Figura 6

Os títulos faziam referência a nomes de tribos e apresentavam mestiços musculosos de longos cabelos pretos ao vento e mocinhas loiras indefesas com imensos decotes. Na realidade, trata-se de um estereótipo que define o índio como forte e másculo, porém desprovido da inteligência branca, como o próprio nome do romance dá a entender, para os leitores: o selvagem de que o título fala é o indígena. Já a personagem feminina, valendo-se dessa força, precisa ser protegida e amada.

A personagem resolve um dia fugir com um índio de Montana e passa a morar em um trailer, ou seja, Mary tentou viver uma das histórias que gostava de ler, numa tentativa de mudar a realidade em que vivia. Pouco ou quase nada se sabia sobre o namorado de Mary, mas ela tentava sempre transmitir a ideia de que estava bem com a solução que havia encontrado para mudar de vida.

Outra vez, entretanto, a solução foi perniciosa ao indígena: Mary e o namorado morreram queimados no trailer em que estavam morando depois de uma festa na qual beberam muito. A ousadia da garota não a afastou por completo da pobreza e do alcoolismo da reserva indígena. Ela morre, então quase como um castigo por não seguir seus sonhos, não se tornar escritora, por ser indígena, e também por tentar seguir a tradição indígena, uma vez que fugiu para se casar com um indígena de outra reserva, sem procurar ser aceita pelo mundo branco.



### 3.1.4 Mulheres Indígenas X Mulheres Brancas

A única mulher branca retratada na obra é a jovem Penélope, que tem um breve relacionamento com Arnold apenas para contrariar o pai, Earl. Podemos verificar, entretanto que as mulheres indígenas, apesar da pobreza, muitas vezes do fim trágico como a irmã e a avó, e da falta de perspectiva como a mãe, são mais fortes e ousadas que a moça branca. Penélope mostra-se voluntariosa, namorando apenas para desdizer o pai e sofrendo de bulimia em razão da indústria da beleza.



Figura 7

A fascinação de Arnold pela jovem não reside em comportamentos que ele admirasse, mas na figura da frágil donzela loira que precisava ser salva pelo “guerreiro indígena”. Em uma cena em que ajuda a garota enquanto ela sofria de bulimia, Arnold diz:

Mas Penélope começa a chorar, a falar de sua solidão, a dizer que todos pensam que sua vida é perfeita porque ela é bonita e inteligente e popular entre os amigos, mas que ela vive aflita o tempo todo e que ninguém aceita que ela viva aflita porque ela é bonita e inteligente e popular.

Vocês notaram que ela mencionou sua beleza, sua inteligência e sua popularidade duas vezes na mesma frase?

Essa menina tem um ego e tanto.

Mas isso também é sexy. (ALEXIE, 2009, p.147-148)

Ou seja, o próprio Junior destaca que a garota “sofria” por atributos que não eram importantes comparados à pobreza, por exemplo. Penélope era sexy e isso bastava para qualquer adolescente homem, fosse ele índio ou branco. Essa é mais uma característica interessante que Alexie utiliza para dar veracidade a uma narrativa de um adolescente de 14 anos.

### 3.1.5 Ricos X Pobres



Figura 8

O cartum da figura 8 demonstra claramente os conflitos que Arnold enfrentava na escola acerca do fato de ser pobre. A realidade da reserva era muito distante da escola Reardan e Junior tinha que mentir, inventar costumes e encontrar várias maneiras para “sobreviver” à falta de dinheiro para o lanche, para o transporte, para as festas que era convidado.

Esse conflito não era enfrentado apenas por Arnold, mas por todos os indígenas da tribo. A família Spirit ficava até dezoito horas sem comer e teve que sacrificar o cachorro, pois não tinha dinheiro para levá-lo ao veterinário. A irmã de Arnold, Mary, não pode ir ao velório da vó porque não tinha dinheiro, dentre outros muitos episódios narrados no livro. A resolução desse conflito aparentemente insolúvel é a busca de Arnold por uma vida de maior perspectiva, com esperança, como ele mesmo sublinha em toda a narrativa, o que dá um tom positivo ao livro, apesar de todas as perdas e dificuldades pelas quais a personagem passa.

Assim, podemos verificar que há em todos os conflitos narrados uma tentativa de mudar a realidade, uma resistência, que será discutida a seguir.

### 3.2 Resistência

Como uma forma de oposição, Said (2007) sugere planos metodológicos que analisem a localização estratégica do autor em relação ao que ele escreve e a formação estratégica, qual seja, a relação entre os textos. Trata-se da resistência, conceituada assim por Aschcroft:

Resistência é uma palavra que se adapta a uma grande variedade de circunstâncias e poucas palavras possuem tamanha tendência para o clichê e para a retórica vazia, tendo se tornado cada vez mais usada como uma palavra-chave para descrever qualquer tipo de luta política. Mas se pensarmos em resistência como qualquer forma de defesa pela qual uma invasão é "mantida fora", as formas sutis e às vezes até tácitas de resistência social e cultural têm sido muito mais comuns. São essas formas sutis e mais generalizadas de resistência, as formas de dizer "não", que são mais interessantes porque são mais difíceis de serem combatidas por poderes imperiais (ASHCROFT, 2001, p.20)<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Resistance is a word which adapts itself to a great variety of circumstances and few words show a greater tendency towards cliché and empty rhetoric, as it has become increasingly use as a catch-all word to describe any kind of political struggle. But if we think of resistance as any form of defense by which an invade is “kept out”, the subtle and sometimes even unspoken forms of social and cultural resistance have been much more common. It is these subtle and more widespread forms of resistance, forms of saying “no”, that are most interesting because they are most difficult for imperial powers to combat.

A resistência é bastante usada na produção literária de Sherman Alexie e na obra em análise. A própria narrativa e as ações do protagonista demonstram claramente um combate à forma como os índios são tratados na sociedade estadunidense. Tanto entre os próprios índios, como na escola predominantemente branca de Reardan, Arnold Spirit Junior não se resigna aos comportamentos que lhe são exigidos.

Na narrativa, podemos ver tanto a resistência física quanto a discursiva. Em dado momento, após ser humilhado por um aluno de nome Roger, Arnold dá um soco na cara do menino e pensa: “Eu odiei aqueles meninos. Eu sabia que deveria fazer alguma coisa à altura do insulto. Não podia deixar que eles fizessem aquilo impunemente. Eu precisava defender não apenas a mim mesmo, mas também a todos os índios, os negros e os búfalos” (ALEXIE, 2003, p. 93). Em outro momento, a personagem disputa uma vaga no time de basquete e é obrigada a enfrentar um aluno bem maior e mais forte. Após levar vários empurrões e cotoveladas e ainda assim entrar para o time, o jovem se sente um guerreiro e uma “arma de destruição em massa” (ALEXIE, 2003, p. 191-192).

No tocante à resistência discursiva, Arnold corrige um termo utilizado pelo professor de ciências Dodge e o professor responde com raiva, ironizando os conhecimentos do garoto:

- Onde foi que você aprendeu esse fato? Na reserva? Sim, todos nós sabemos que os progressos da ciência são espantosos na reserva.
- Meus colegas acharam isso engraçado. Eles começaram a dar risadas, apontando na minha direção. Menos um. Gordy, o gênio da turma. Ele levantou a mão.
- Gordy — disse Dodge, feliz e aliviado. — Tenho certeza de que você pode nos dizer a verdade.
- Bem, na verdade, disse Gordy —, Arnold tem razão quanto à madeira petrificada. É isso mesmo que acontece.
- Dodge empalideceu subitamente. (ALEXIE, 2003, p. 117-118)

Mesmo com vergonha, a personagem se opôs à “verdade” que o professor da escola de brancos apresentava na sala de aula. Somada a essa resistência, as falas do garoto em seu diário, sempre inteligentes e agudas, também são uma forma de oposição. Esse trecho demonstra tanto a resistência discursiva, a coragem de se opor ao discurso da autoridade, quanto à outremização que Arnold sofria em

Reardan: um índio, por ser índio, não poderia ter conhecimento intelectual. Ao representar a cena, Alexie nega o estereótipo de que o indígena seria bom apenas na luta e inferior intelectualmente, incapaz de pensar por si só. O mesmo ocorre quando descobre que é inteligente “e ponto”, e quando tira ótimas notas no boletim, ao final do período letivo.

Já a localização estratégica de Sherman Alexie é de extrema importância e configura mais um tipo de resistência, uma vez que determina o tipo de voz narrativa utilizada, o tipo de estrutura construída, as imagens, temas, agentes que movimentam o texto. Todos esses fatores somados dirigem o leitor a uma nova forma de representação dos índios, posto que aquilo que rotineiramente circula não é a realidade, mas uma representação. A voz é dada ao menino indígena, a perspectiva e o discurso são colocados à disposição de outro ser duplamente objetificado: nem a criança, não importa a qual etnia pertença, e nem o indígena, têm voz.

Na narrativa em análise, vários estereótipos de índio são desconstruídos ao longo do texto. A mascote da escola Reardan, por exemplo, era um índio, e o jovem Arnold, ironicamente o único índio da escola e da cidade, chegou para contestar tanto professores quanto alunos. A representação gráfica da mascote tinha o rosto pintado, um cocar e a feição nervosa, como se estivesse preparada para uma briga. O protagonista, ao contrário, era normal e em várias oportunidades demonstrava medo e receio, diferente da imagem gráfica. Inclusive, o fato de Arnold usar óculos e ser representado com eles em praticamente todas as figuras que faz de si mesmo, mostra outra perspectiva para o “índio selvagem”.

Outro estereótipo de que índios são alcoólatras, tristes e não dão risadas foi quebrado no enterro da avó de Arnold, quando dois mil índios gargalharam ao mesmo tempo após a personagem Ted tentar devolver um traje típico aos descendentes da avó Spirit que sequer era da tribo. Ainda, os “rituais indígenas” que Arnold invocava quando simplesmente não queria fazer alguma coisa ou precisava explicar sua pobre condição de vida, dentre outros.

Os estudos de Said têm como objetivo elucidar a estrutura de dominação cultural para os povos colonizados e as ameaças que esse tipo de pensamento pode causar quando aplicado a eles próprios. Há, ainda, a dimensão pessoal que interfere nas produções literárias. O racismo e os estereótipos culturais fazem com que os índios, por exemplo, sintam seu destino como singularmente punitivo. Não há como

mudar as perspectivas de vida nas reservas e o índio está fadado ao insucesso. No romance, os pais de Arnold representam essa resignação, a aceitação de condições pífias de vida e futuro. Porém, a perspectiva de Arnold e sua resistência nesse ponto é que, ao adaptar-se e tirar boas notas na escola branca, mas ao reconciliar-se e continuar na reserva, Arnold abre o caminho para a esperança e novamente a tradição híbrida representada antes pela avó, e vai além: com a educação formal, Arnold torna-se um indígena que poderá buscar uma colocação melhor onde quer que vá, dentro ou fora da reserva.

Presume-se que a literatura e a cultura sejam política e historicamente inocentes, entretanto é esse posicionamento que Alexie subverte. A forma como o autor aborda o Dia de Ação de Graças comprova como é possível discordar do contexto histórico ampla e erroneamente difundido por meio da alteridade. Como descrito no primeiro capítulo, o dia de agradecimento dos americanos corrompe a verdade dos fatos históricos. Os milhões de índios mortos não são lembrados, muito pelo contrário. E a fala “Devemos ser gratos por não terem matado todos nós.” (ALEXIE, 2003, p. 140) é extremamente perspicaz e irônica sobre essa realidade, ou seja, sobre a dominação cultural estadunidense sobre o indígena, aceita e propagada como sendo normal.

De acordo com a crítica Gayatri Spivak (2010, p. 20-21), várias das teorias produzidas pelo Ocidente conduzem a uma só finalidade: manter o Ocidente como Sujeito. Embora deem a impressão de há uma gradativa oscilação da soberania subjetiva, em verdade essas críticas mascaram a realidade. A obra estudada demonstra resistência a esse estado de coisas ao dar a voz a um protagonista do Terceiro Mundo (ou aos subalternos, que vivem com as características do Terceiro Mundo, mesmo tecnicamente e geograficamente no Primeiro Mundo), pois reitera e mostra a perspectiva do colonizado.

Dessa forma, "a consciência de classe permanece atrelada a um sentimento de comunidade ligado por conexões nacionais e por organizações políticas, e não àquele outro sentimento de comunidade cujo modelo estrutural é a família" (SPIVAK, 2010, p. 38). Os nativos americanos, assim, foram forçados após a colonização a reconhecerem e aceitarem o modelo de comunidade europeia, e a rejeitarem os laços culturais que possuíam. É por meio do discurso que se constrói esse discurso estereotipado. E é por meio do discurso que esses juízos de valor se dissipam.

Segundo Ashcroft, o discurso estreita a relação entre aqueles que se comunicam e organiza suas posições no mundo:

O ponto principal é que o mundo não está simplesmente “ali” para ser falado sobre, ao contrário, é através do discurso em si que o mundo é trazido à existência. É também por meio do discurso que falantes e ouvintes, escritores e leitores chegam a um entendimento sobre si mesmos, suas relações com o outro e seus lugares no mundo (a construção da subjetividade). É o ‘complexo de sinais e práticas que organiza a existência social e reprodução social’<sup>10</sup> (ASHCROFT, 2007, p.62-63).

Ocorre, todavia, que em muitas vezes o discurso dos nativos subalternos serve apenas para informar os intelectuais do primeiro mundo. "Pode-se afirmar que não há nenhum sujeito subalterno irrepresentável que possa saber e falar por si mesmo. A solução do intelectual não é a de se abster da representação." (SPIVAK, 2010, p.61). Ou seja, mesmo que a representação do sujeito subalterno seja complexa, os intelectuais, artistas, pensadores e outros que tenham acesso ao discurso não podem se abster de buscar essa representação.

Com relação à representação da mulher, o silêncio pode ser assinalado por elas próprias. A construção de gênero sustenta a dominação masculina. Assim, considerando-se o contexto da produção colonial, se o sujeito subalterno não possui história e voz, o sujeito subalterno feminino está ainda mais fadado à obscuridade. No caso das personagens mulheres da narrativa, o contexto as silencia, pois são pobres, índias e mulheres. Entretanto, conforme foi demonstrado, elas tentam modificar a realidade e manter uma tradição híbrida, que ao mesmo tempo valoriza o conhecimento e a vida indígena, mas que não se fecha aos recursos e instrumentos do colonizador.

---

<sup>10</sup> The key feature of this is that the world is not simply “there” to be talked about, rather, it is through discourse itself that the world is brought into being. It is also in such a discourse that speakers and hearers, writers and readers come to an understanding about themselves, their relationship to each other and their place in the world (the construction of subjectivity). It is the “complex of signs and practices which organizes social existence and social reproduction”.

## CAPÍTULO IV - ILUSTRAÇÕES E A REPRESENTAÇÃO DO INDÍGENA ESTADUNIDENSE

O presente capítulo tem como objetivo discutir o simbolismo da identidade aparente e ocultada no livro *O diário absolutamente verdadeiro de um índio de meio expediente* (2009), bem como os métodos utilizados pelo autor e pela ilustradora para demonstrarem a ironia e resistência da personagem como sujeito pós-moderno e pós-colonial.

De acordo com Nicola Abbagnano, representação é a relação existente entre quem representa e o que é representado, ou seja, a imagem representa aquilo de que é imagem, no ato de lembrar (ABBAGNANO, 2007, p.853). Assim, as ilustrações assumem o papel de produzir um discurso gráfico-visual. Podem corroborar com o sentido do texto ou construir um discurso oposto, como acontece várias vezes no livro de Alexie.

Dessa forma,

Os dados visuais podem transmitir informação: mensagens específicas ou sentimentos expressivos, tanto intencionalmente, como um objetivo definido, quanto obliquamente, como um subproduto da utilidade. Uma coisa é certa: no universo dos meios de comunicação visual, inclusive as formas mais casuais e secundárias, algum tipo de informação está presente, tenha ela recebido uma configuração artística ou seja ela resultado de uma produção casual. Em qualquer nível de avaliação sempre inconstante do que constitui arte aplicada ou belas-artes, toda forma visual concebível tem uma capacidade incomparável de informar o observador sobre si mesma e seu próprio mundo, ou ainda sobre outros tempos e lugares, distantes e desconhecidos. Essa é a característica mais exclusiva e inestimável de uma vasta gama de formatos visuais aparentemente dissociados (DONDIS, 2007, p. 183-184).

As imagens possuem, conseqüentemente, diante das diversas mensagens que podem transmitir, várias funções. Elas podem ser descritivas quando representam detalhes dos fatos e personagens, lúdicas nas oportunidades em que orientam para algum fato ou detalhe, simbólicas quando possuem outros significados sobrepostos, dentre outras formas. De tal modo, mais que representar, expressar e até persuadir, a ilustração serve de suporte para a linguagem, tanto para a verbal quanto para a visual. Embora haja sempre uma função dominante, várias delas podem se sobrepor para compor o significado (CAMARGO, 1999).



Ocorre também que, não raras as vezes, esses significados podem conter estereótipos e preconceitos. Nesse sentido, Mara Ferreira Jardim exemplifica:

Personagens más são invariavelmente feias, enquanto fadas, príncipes, princesas e heróis apresentam sempre um ótimo aspecto. [...] Mesmo em livros que contam histórias atuais, a mãe aparece de avental e espanador na mão; o pai, segurando uma pasta ou um jornal. A empregada, o marginal e o operário são quase sempre negros. (JARDIM, 2000, p. 76).

Tais representações são de extrema importância, então, para a construção real do significado. No livro de Sherman Alexie podemos verificar que há uma diferença entre a representação dos índios e brancos, bem como de pobres e ricos, mas ela é subvertida – os indígenas são os “mocinhos”, representados de forma bonita, enquanto a maioria dos brancos, pelo menos aqueles contra os quais o adolescente indígena precisa lutar, são representados de forma direta, caricata e divertida, às vezes impiedosa, o que forma um casamento perfeito com a escrita de Alexie.

Deve-se ter em vista que o mundo é percebido e ilustrado por um adolescente indígena. Porém, além de levar-se em consideração a idade e as percepções decorrentes desse fator, também se observa a etnicidade e a cultura que o jovem coloca nas ilustrações do diário.

Outro ponto a ser levantado é a dimensão pessoal, uma vez que o diário seria algo, em princípio, secreto e individual, para não ser visto por outros, muito embora as ilustrações sejam um exercício para o cartunista em potencial. A subversão ocorre porque o índio, na visão dos brancos, é retratado como mau, como já foi visto. No entanto, na obra, os índios retratados são marcados com traços bonitos e dignidade. Além disso, a comparação entre as imagens das personagens na versão branca e na versão índia também possui significado que deve ser objeto de atenção e análise.

As diferenças entre as representações/imagens das personagens são, na obra em análise, uma forma de oposição de Arnold/Alexie. Sobre essa resistência, diz Homi Bhabha:

Cada vez que o encontro com a identidade ocorre no ponto em que algo extrapola o enquadramento da imagem, ele escapa à vista, esvazia o eu como lugar da identidade e da autonomia e – o que é mais importante – deixa um rastro resistente, uma mancha do sujeito, um signo de resistência. Já não estamos diante de um problema

ontológico do ser, mas de uma estratégia discursiva do momento da interrogação, um momento em que a demanda pela identificação torna-se, primariamente, uma reação a outras questões de significação e desejo, cultura e política. (BHABHA, 2003, p.83-84)

A estratégia discursiva de resistência, tanto verbal como visual, entretanto, não é recente. O índio possui uma imagem fixa e distorcida, representa um estranho no continente americano, no qual ele morava antes de os europeus chegarem. A simulação da descoberta e conquista da América parte da ausência do nativo, do apagamento de sua história e importância até então no território recém-descoberto. A resistência indígena foi completamente desvirtuada e traduzida como uma mistura cultural da nostalgia burguesa e de evidências sociais científicas os estereótipos do índio selvagem e da raça evanescente (o nobre selvagem à beira da extinção). Todas as representações indígenas históricas registradas em museus e livros traduzem a figura do índio como produto da cultura branca dominante (VIZENOR, 1998, p. 145). O exemplo bastante famoso dessa errônea representação do indígena segue na figura 9:



Figura 9 – Pocahontas – Pintor: Simon van de Passe. British Museum, London. Public Domain.

Trata-se da “Princesa Powhatani” Pocahontas. Com o intuito de apresentá-la a Europa de acordo com as tradições européias, Pocahontas foi inicialmente “coroada” princesa, embora seu pai não fosse rei na América, apenas líder de uma tribo indígena que fora dizimada por colonos brancos. Assim, elevada a uma posição nobre até mesmo para explicar sua presença na Europa e dar alguma importância a ela, garantindo seu acesso às cortes européias, nas quais ela deixaria de ser apenas uma aborígine do “Novo Mundo”. Na seqüência, vestiram-na com trajes europeus típicos e congratularam-se, divulgando o fato de terem-na convertido ao cristianismo. Ou seja, a jovem índia foi transformada em mulher européia para que pudesse, por sua “civilidade”, angariar dinheiro e investimento para a colonização da América. Porém, confirmando o que Bhabha afirma acima, algo “escapa” dessa equação perfeita: mesmo tendo as roupas europeias, a jovem não é uma europeia, e os traços de seu retrato acentuam isso: a civilização das roupas e dos modos não a deixam mais bonita aos olhos europeus, e sua etnia vai transparecer a despeito dos traços “civilizatórios” que lhe são imputados. Mesmo assim, há uma tentativa de equipará-la a outras mulheres da época.

Assim, partindo do pressuposto que as representações são polissêmicas, a imagem do índio registrada pelos brancos é de ausência do nativo, como no caso de Pocahontas, ou de selvageria. O índio não é visto como uma conexão com o real, com a história da América até então, como uma presença. Pelo contrário, a missão “civilizatória” européia dizima qualquer traço cultural existente em Pocahontas como digno de importância, deixando no rosto dissonante do padrão e deformado a marca da diferença.

De acordo Baudrillard, (*apud* VIZENOR, 1998, p. 148), as representações tentam absorver a simulação. Quatro são, então, as fases sucessivas da imagem: a primeira é o reflexo de uma realidade básica; a segunda mascara e perverte realidade básica; a terceira máscara é a ausência de uma realidade básica, e a última fase não possui qualquer relação com a realidade, ou seja, a imagem é um simulacro puro.

No primeiro caso, a imagem é uma aparência *boa*, (o que deveria ser mostrado – no caso da imagem acima, a pessoa de Pocahontas original) já no segundo, é uma aparência do mal, maléfica, uma vez que se trata de uma ‘perversão’ da imagem (trata-se da negação de sua condição de indígena e a

tentativa de acomodá-la aos padrões europeus – colocar roupas e marcas civilizatórias na Pocahontas original). A terceira forma brinca de ser uma imagem, uma vez que a imagem original já desapareceu, e não sobrou nem sua representação, nem o negativo dela, sendo uma espécie de feitiço, uma mágica que se esvazia de sentido. No caso da figura de Pocahontas, a imagem deixa de ser da indígena original, ou da europeia em que tentam transformá-la. Torna-se um vazio. Enquanto isso, a quarta já não está na ordem de aparições, mas de simulação pura. O que sobra, então, das imagens de Pocahontas, é uma simulação daquilo que não existe, como a imagem acima (figura 9) ou os filmes de Pocahontas. Forma-se, então, um estereótipo que vai existir e que vai transportar sua ideologia para o futuro, de forma que as pessoas verão o quadro ou os filmes e vão guardar aquelas imagens como reais.

Tomando esses tipos de representação como base, muitas narrativas e filmes apresentam o índio desconectado de qualquer realidade: “O índio representado nos tratados era uma perversão transmutada do nativo; [...] Normalmente, a presença do índio é um simulacro puro, a vida útil de uma mercadoria”<sup>11</sup> (VIZENOR, 1998, p. 148)

Dessa forma, os nativos são soterrados com o silêncio estético e as simulações de uma civilização sem passado, como representações românticas da literatura dominante, como se massacres não houvessem ocorrido por disputas de terras, ou por quaisquer outros motivos banais.

Há um abismo entre a tradição oral indígena e sua transcrição. Vestimentas, máscaras e ornamentos são mutáveis, e as roupas indígenas emprestadas de simulações prosaicas e sem códigos culturais. O sentido da imagem do indígena nos registros brancos é, então, esvaziado. A visão apresentada ao mundo é a garantia de verossimilhança das narrativas e confere uma sensação de presença nativa. A importância da natureza e o sagrado não são ouvidos nessas “simulações de presença” passivas do outro. As imagens difundidas após a invenção da máquina fotográfica são ainda mais distantes da realidade.

Nativos suportam o consolo e a possibilidade mítica de tradições e memórias em narrativas, não câmeras. Nativos passaram em silêncio pelas fronteiras obscuras da câmera, poses fugitivas que foram garantidas como evidência etnográfica e montadas em museus. Esse silêncio pode ter sido a

---

<sup>11</sup> The indian named in treaties was a perversion of native transmotion; (...) Commonly, notice of the indian is “pure simulacrum”, the shelf life of a commodity.”

resistência aos saltimbancos de dominação da câmera. Poses eternas não existem sem humor, mas as representações fotográficas tornaram-se a evidência de uma raça em extinção, os protestos da dominação e vitimização. (VIZENOR, 1998, p.155)<sup>12</sup>

Na foto a seguir (figura 10), por exemplo, podemos verificar como há essa tentativa de extinguir as tradições e memórias indígenas. As *Boarding Schools* (internatos de natureza religiosa e/ou militar que recolhia e ‘educava’ as crianças indígenas nos costumes e modos, escrita, cultura e religião do homem branco) gabavam-se por “humanizar” os índios, transformando-os. O pequeno índio Thomas Moore (nome branco) foi inicialmente fotografado com trajes indígenas. Longas tranças, colares e uma roupa ricamente ornamentada foram substituídos por um cabelo curto, terno e sapatos sóbrios. O cenário, que antes era branco, foi substituído por uma estrutura clássica com um vaso como decoração. Ou seja, trata-se do silenciamento do índio.



Thomas Moore before and after his entrance into the Regina Indian Residential School in Saskatchewan in 1874.

Library and Archives Canada / NL-022474

Figura 10

<sup>12</sup> Natives bear the solace and mythic chance of traditions and memories in narratives, not cameras. Natives posed in silence at the obscure borders of the camera, fugitive poses that were secured as ethnographic evidence and mounted in museums. That silence could have been resistance to the mummification of camera dominance. Eternal poses are not without humor, but the photographic representations became the evidence of a vanishing race, the assurance of dominance and victimry.



Figura 11

Já na figura 11 podemos ver centenas de crianças e jovens índios na Carlisle Indian Industrial School (Escola Industrial de Índios Carlisle), localizada na cidade de Carlisle, estado da Pennsylvania, fundada em 1879 pelo capitão Henry Pratt com a tentativa de “civilizar” as crianças indígenas das mais diversas tribos dos EUA. Há uma nítida perda de identidade, linguagem, cultura etc., uma vez que membros de inúmeras tribos com costumes e linguagens totalmente diversos eram reunidos e forçados a viver de acordo com os costumes dos brancos, proibidos de utilizar sua linguagem materna, ou quaisquer elementos de sua cultura sob pena de surras e outros castigos.

Dee Brown (2012, p.16) também narra que, embora as fotos publicadas em jornais no final do século XIX sobre massacres indígenas fossem imponentes, grande parte dos índios temiam represálias por falar a verdade, enquanto outros se divertiam enganando jornalistas com histórias imaginosas. As roupas nas fotografias não eram as mesmas roupas usadas cotidianamente, eram roupas de cerimônias especiais, como na figura 12.



Figura 12 - One-Called-From-A-Distance Chippewa. Public Domain

Para VIZENOR (1998, p. 165), as simulações e poses fugitivas são eternas contradições do retrato indígena: é a sobrevivência do indígena mesmo na tentativa de seu esvaziamento – ou seja, os indígenas representados em seus trajes, verdadeiros ou preparados para serem sem significado, acabam por desmentir por sua postura o enfeitiçamento ou a impropriedade do papel de “antes de perder a selvageria” que se tenta dar às fotografias. É necessário, pois, como forma de minimizar os danos dessa representação distorcida durante séculos, olhar a história dos nativos e perceber suas reais motivações, bem como ouvir as provocações, ironias e humor que resgatam a presença indígena, como no romance de Sherman Alexie. Porém, Vizenor, em sua teoria de *Survivance* (2008), prova que mesmo que as fotografias tentem diminuir o indígena, acabam por mostrar uma riqueza cultural e uma presença, não por mostrarem o “índio verdadeiro”, mas por mostrarem uma dignidade e autoconsciência que os brancos não conseguem apagar.

Há uma tentativa de alterar essa errônea representação do indígena no discurso acadêmico:

WJT Mitchell menciona uma "virada pictórica" no discurso acadêmico em fotos, uma ansiedade sobre a "representação visual" e a modernidade. O que faz sentido para uma virada pictórica, então, não é alguma conta poderosa de representação visual que está ditando os termos da teoria cultural, mas o que as imagens formam a partir de um ponto de atrito

peculiar e o desconforto através de uma ampla gama de questionamento intelectual. (VIZENOR, 1998, p.145)<sup>13</sup>.

Em *O diário absolutamente verdadeiro de um índio de meio expediente* (2009) podemos verificar que o índio não é representado como uma ausência decretada, como Vizenor menciona, mas busca trazer esse questionamento de quem é o indígena, já que é ele quem está falando. A novela contém sessenta e cinco ilustrações em quadrinhos criadas por Ellen Forney, que muitas vezes atuam como golpes no leitor, revelando a personagem, brincando com o texto e sublinhando o enredo.

De acordo com a teoria pós-colonial, humor e ironia, muito utilizados por Alexie, atuam como armas e defesa contra o poder dominante. Segundo Bonnici (2007), ironia é a desconexão entre a aparência e a realidade que o autor coloca nas entrelinhas do texto para derrubar a hegemonia e o poder. Trata-se de uma das mais relevantes estratégias discursivas para desconstituir a superioridade discursiva. Ainda, vejamos como Sollors (1990) discute a presença do humor em *Um Yankee na Corte do Rei Artur*, de Mark Twain, mostrando os conflitos entre modernidade e tradição.

Comédia pode, portanto, servir a um propósito desestabilizador e apoiar o ataque da moderna tecnologia yankee e do arsenal de armas na idade das trevas – com o mesmo nome do progresso e da marcha acelerada do tempo. O processo de dissociação, mesmo em forma de quadrinhos, pode ser conectado a uma luta pelo poder.<sup>14</sup> (SOLLORS, 1990, p. 293).

Na narrativa de Alexie, há essa dissociação entre as falas e as ilustrações. Podemos verificar como temas bastante polêmicos são abordados de forma cômica. Na figura 13, por exemplo, Arnold representa a “cozinha sagrada”. O trecho da narrativa fala da pobreza da família e das vezes em que ficavam até dezoito horas sem comer, quando então os pais do garoto chegavam com um balde de frango frito. Para ele, nada era melhor que a fome para fazer a comida ficar mais saborosa. A

---

<sup>13</sup> W. J. T. Mitchell mentions a "pictorial turn" in the academic discourse on pictures, an anxiety over "visual representation" and modernity. What makes for the sense of a pictorial turn, then, is not that we have some powerful account of visual representation that is dictating the terms of cultural theory, but that pictures form a point of peculiar friction and discomfort across a broad range of intellectual inquiry.

<sup>14</sup> Comedy may thus serve a destabilizing purpose and support the assault of the modern yankee's technology and weaponry on the dark ages – in the same name of progress and the accelerated march of time. The process of dissociation, even in comic form, may be connected to a struggle for power.



comida era a salvação. Mas, da maneira como foi colocada, há uma ironia com a cultura americana do *fast food*, e uma dessacralização do próprio sentido religioso, ao transformar um ícone cultural em algo sagrado pela fome, como observado na figura 13:



Figura 13

A inserção de ironias, como a apontada acima, não implica necessariamente a exclusão da seriedade e do objetivo na arte pós-modernista. A concepção distorcida desse aspecto é sinônimo da compreensão errônea da natureza de grande parte da produção estética contemporânea (HUTCHEON, 1991, p.48). Essa necessidade de se auto-retratar de forma cômica e irônica é a forma que Arnold possui para lidar com os problemas identitários que enfrenta. Trata-se de sua forma de perceber a alteridade e ver o mundo procurando compreender e lidar com ela de alguma forma. Sonhar em ser um cartunista famoso, por exemplo, o livrava do obscurantismo ao qual o indígena é relegado, como veremos adiante. As figuras, em diálogo com o texto, podem descrever aspectos importantes da identidade de Arnold. Elas mostram sua visão de si e do mundo, como discutiremos a seguir.

#### 4.1 A Visão de Si

O jovem Arnold Spirit Junior desejava abandonar a triste realidade da reserva, repleta de pobreza e alcoolismo, e utilizava os desenhos para falar o que realmente pensava, pois neles interrogava diversas situações e fatos. O desenho era, então,

uma forma de representação para Arnold, também sua voz. Além disso, o desenho era uma forma para sair da reserva, na visão de Arnold:

Desenho o tempo todo.

Desenho cartuns da minha mãe e do meu pai; da minha irmã e da minha avó; do meu melhor amigo Rowdy; e de todo mundo da reserva.

Desenho porque as palavras são muito imprevisíveis.

Desenho porque as palavras são limitadas demais". (ALEXIE, 2009, p.15)

Por isso eu desenho. Sinto que talvez seja minha única possibilidade de escapar da reserva indígena. (ALEXIE, 2009, p.16)

Assim, ao mesmo tempo em que o desenho era uma busca por identidade, uma necessidade de expressão, era também uma tentativa de fuga, uma tentativa de entrar no mundo branco, com mais perspectivas: "Eu levo meus cartuns a sério. Eles me ajudam a entender o mundo. Eu uso meus cartuns para zombar do mundo. Para zombar as pessoas. E às vezes desenho as pessoas porque são minhas amigas e minha família. É uma espécie de homenagem". (ALEXIE, 2009, p.131)

Arnold zombava de si mesmo nos cartuns. Na figura 14, vemos a representação do cérebro do garoto em um aquário. O jovem teve hidrocefalia e a cabeça grande. Em um trecho da narrativa, ele apanha de colegas e seu amigo Rowdy pergunta: "— Eles bateram na sua cabeça? — perguntou. Rowdy sabe que meu cérebro é frágil. Se os irmãos Andruss tivessem feito um buraco no aquário que é a minha cabeça, talvez eu tivesse inundado todo o powwow." (ALEXIE, 2009, p.36).

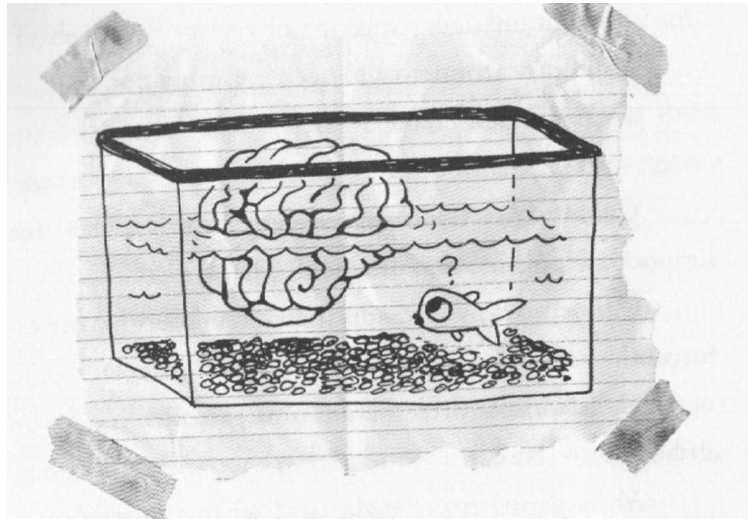


Figura 14

Já na figura 15, podemos ver uma das ilustrações mais significativas do jovem Arnold e de como ele se via, mas também sua necessidade, como qualquer criança ou adolescente, de ser amado. Dizendo “me amem”, ele equilibrava com malabarismos um livro de poemas, um coelho e uma motosserra. A frase mostrava o quanto o jovem queria ser reconhecido e amado. Na reserva ele era mais um índio sem futuro cujos pais estavam preocupados demais em sobreviver para dar muita atenção aos filhos. O livro indica um jovem estudioso e inteligente que, inclusive, sofria preconceito por isso. Os outros garotos gostavam de esportes e não de estudar como Arnold.

O garoto também equilibra um coelho, que é macio, singelo, bonito e indefeso. Na imagem, entretanto, o animal indefeso está amedrontado e temeroso, pois tem a sua frente uma motosserra que o destruirá. Trata-se de uma representação do próprio jovem: um inocente que está prestes a ser destruído violentamente. A motosserra, por fim, representa o poder autodestrutivo de todos os perigos que rondam a reserva e os próprios indígenas, como o alcoolismo e as tendências auto-destrutivas do próprio Arnold que, assim como a grande maioria dos índios da reserva, inclusive seus pais, seriam destruídos pela falta de esperança. O coelho e a moto-serra também podem ser lidos como a morte da inocência. Os três objetos, assim, circulam o jovem magro de cabeça grande e óculos que grita para chamar a atenção dos demais.



Figura 15

Após entrar em Reardan, Arnold compara a sua imagem com a de um garoto normal da escola. Toda a obra representa essa cisão de identidade. A figura 16 é emblemática nesse sentido, uma vez que mostra o que poderia (ou deveria, na cabeça de Arnold) acontecer, e sua realidade.

Há uma linha dividindo a imagem e do lado esquerdo está a metade “branca”, ao passo que do lado direito está a metade “índio”. Note-se também que a parte indígena ainda representa a dura realidade, e a parte branca ainda representa a esperança. A cor branca é associada de diferentes formas à esperança, como será discutido com maiores detalhes na figura 30.

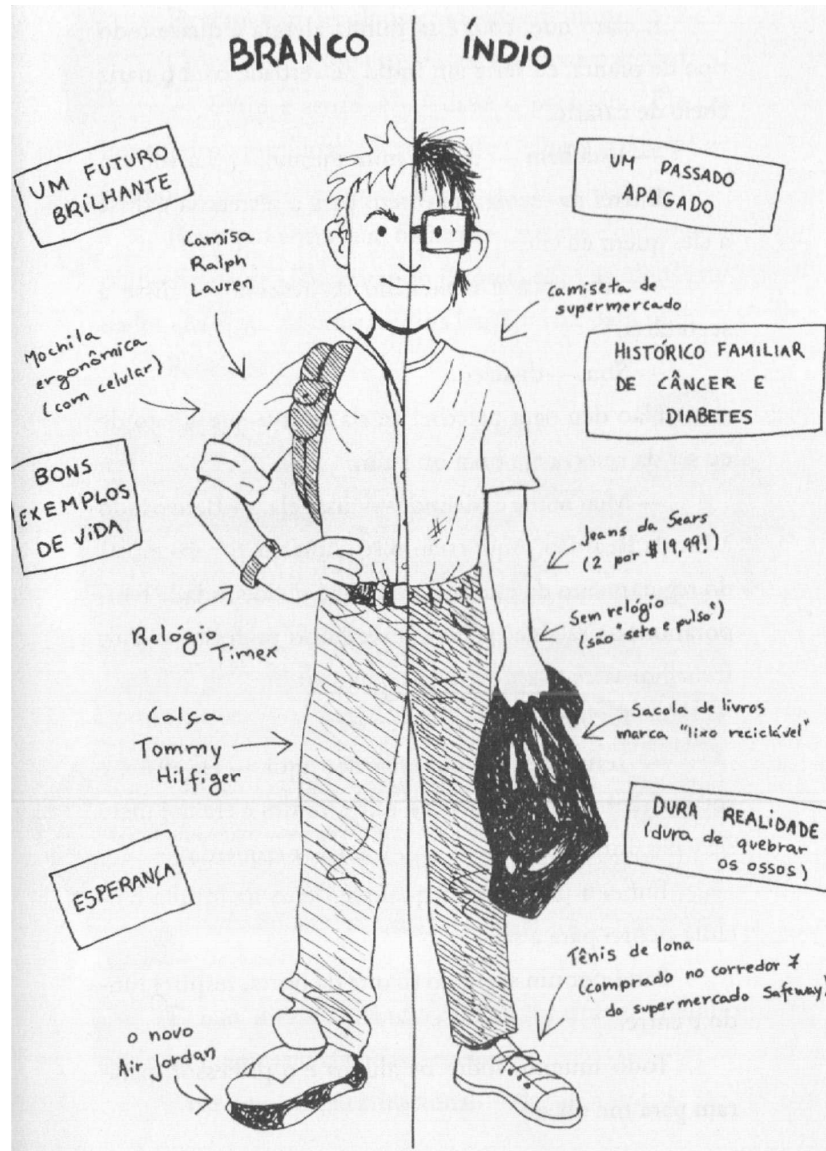


Figura 16

A metade branca terá um futuro brilhante, com bons exemplos de vida e esperança. Há nela signos de poder e riqueza, como uma camisa da marca Ralph Lauren, uma mochila ergonômica com celular, um relógio Timex, uma calça Tommy Hilfiger e um tênis novo Air Jordan, ou seja, o consumismo e o mundo de marcas representando uma vida melhor para o garoto, acompanhada de uma mudança de etnia. Já a parte que representa a realidade de Junior tem um passado apagado com histórico familiar de câncer e diabetes e uma dura realidade. Enquanto o jovem “normal” de Reardan era loiro, Junior é moreno e usa óculos, veste camiseta comprada em supermercado e seus objetos são simples e baratos. Não existem

marcas, mas referências de quanto foi pago, aumentando ainda mais a discrepância entre um lado e outro da imagem.

A metade branca do aluno sorri e tem uma posição mais imponente, enquanto a metade índio é passiva e apagada. A esperança/ riqueza está do lado branco. O lado índio de Arnold é a realidade, enquanto o menino loiro é a idealização, o sonho de Arnold em se tornar um branco. Podemos perceber aqui uma semelhança entre ideia de FANON (2008, p. 160) sobre a representação dos negros:

Na Europa, o preto, seja concreta, seja simbolicamente, representa o lado ruim da personalidade. Enquanto não compreendermos esta proposição, estaremos condenados a falar em vão do “problema negro”. O negro, o obscuro, a sombra, as trevas, a noite, os labirintos da terra, as profundezas abissais, enegrecer a reputação de alguém; e, do outro lado: o olhar claro da inocência, a pomba branca da paz, a luz feérica, paradisíaca. Uma magnífica criança loura, quanta paz nessa expressão, quanta alegria e, principalmente, quanta esperança! Nada de comparável com uma magnífica criança negra, algo absolutamente insólito. Não vou voltar às histórias dos anjos negros. Na Europa, isto é, em todos os países civilizados e civilizadores, o negro simboliza o pecado. O arquétipo dos valores inferiores é representado pelo negro.

E assim como o negro descrito por Fanon acima, o índio é representado da mesma forma na América. Enquanto o branco representa a pureza e a esperança, quaisquer outras cores/ raças serão tidas como impuras e causadoras de problemas. No caso dos índios, como Arnold, por exemplo, não é provável que sejam inteligentes. Eles terão, no máximo, sucesso nos esportes.

Na figura 17, podemos ver o momento em que Arnold busca uma vaga no time de basquete da escola Reardan. Ele retrata a si mesmo do ponto de vista de um branco: vestido unicamente com um cocar, um tapa sexo e tênis, o garoto corre gritando com uma cara de muito bravo – o próprio estereótipo do índio selvagem. O trecho da narrativa fala, entretanto, de quanto ele apanhou do colega com quem disputava a vaga no time. Mesmo levando empurrões e sofrendo, a força e determinação se sobressaíram. Assim, simultaneamente ele nega e reafirma o estereótipo: luta e atinge com garra e força, de forma selvagem, seu objetivo.



Figura 17

No mesmo instante em que reproduz o estereótipo do índio selvagem, a imagem descreve o momento no qual Arnold toma posse de sua força e vence o oponente branco, maior e mais forte que ele, que o batia numa tentativa de impedir de entrar no time de basquete da escola. Frise-se que na sociedade estadunidense o basquete é um esporte muito importante. Pertencer ao time implica ser reconhecido e respeitado no ambiente escolar. Os alunos de uma escola que pertencem ao time de basquete são árdua e constantemente testados. Dessa forma, a luta de Arnold não demonstra apenas a vontade de jogar basquete, mas também a necessidade/vontade de ser reconhecido dentro daquele ambiente. Podemos dizer, inclusive, que é uma metáfora da batalha enfrentada diariamente pelo jovem indígena em Reardan.

Ainda, indo contra o texto de Alexie, na figura 17 Forney retoma o estereótipo do índio selvagem para descrever a *survivance*, citada por Vizenor (2008), na qual o indígena se faz ouvir utilizando-se dos mesmos elementos que os brancos utilizam para silenciá-lo.

Pode-se verificar que há uma transformação na forma como Arnold se auto-avalia. No início o jovem quer chamar atenção e várias vezes ironiza seus próprios defeitos. Após a mudança de escola, o garoto passa a se comparar com os alunos brancos de Reardan e descobre que é melhor do que eles em vários aspectos. E, por fim, a personagem passa a “guerrear” por seus valores e para mostrar que não é inferior aos demais. E a conquista da vaga no time de basquete é simbólica nesse

sentido. O jogo de basquete na reserva é também um ponto importante, uma vez que representa o ápice do momento de identidade cindida de Arnold, jogando basquete contra seus próprios primos e sua própria tribo.

## **4.2 A Visão do Outro**

As caricaturas de Arnold, além de ilustrar o próprio jovem como visto acima, também falam muito sobre como a personagem enxergava os outros, tanto os membros da tribo como os brancos de Reardan.

No início da narrativa, o cachorro de Arnold, de nome Oscar, morre doente sem que os pais do garoto tivessem dinheiro para levá-lo ao veterinário. Mesmo revoltada, a personagem analisa a pobreza em que viviam. Para ilustrar o momento, o cartunista não faz um desenho do cachorro ou algo parecido; ao contrário, ele descreve a pobreza e a precariedade da reserva apresentando seu contrário, na seguinte imagem: “Quem meus pais teriam sido se alguém tivesse prestado atenção a seus sonhos”. A mãe de Arnold seria “Professora do Ano/ 1992-98 da Escola Comunitária Spokane Falls”, usaria óculos de intelectual, roupas bonitas e seria especialista em Sociologia, Psicologia e Oratória. Já o pai seria “O quinto melhor jazzista a oeste do Mississippi”, teria um estilo autêntico e usaria óculos escuros, chapéu e tranças.





Figura 18

Ocorre, entretanto, que embora o desenho tenha traços bonitos, a realidade estava muito distante da representação. Enquanto a imagem era de quem tinha dinheiro e futuro, a narrativa conclui:

Mas nós, índios da reserva, não realizamos nossos sonhos. Não temos oportunidade. Nem escolha. Somos pobres, e pronto. Não

passamos disso. (...) A pobreza não dá forças a ninguém, nem dá lições de perseverança. Não, a pobreza só ensina o sujeito a ser pobre. (ALEXIE, 2009, p. 25)

Podemos ver que há um descompasso entre a imagem e a fala da personagem. Ainda assim, os índios não são distorcidos nas representações e a tentativa de “branqueamento” (dando aos pais condições de terem educação e recursos brancos) dos indígenas é para Arnold uma forma de vê-los sem pena. Mesmo corroborando a entrada dos indígenas no mundo branco, a imagem dos pais é criada de forma a dar a eles a dignidade e a oportunidade que não tiveram em suas vidas. Representa uma busca da identidade indígena e, ao mesmo tempo, a recuperação da voz de um indígena silenciado.

Já na ilustração abaixo, por exemplo, o amigo do pai de Arnold, Eugene, é muito bonito, tem traços definidos e uma postura confiante. Além disso, traz consigo um instrumento de poder do homem branco, sinal de status, uma moto. E não se trata de qualquer veículo, mas de uma *Indian*. As motos *Indian* começaram a ser produzidas nos Estados Unidos da América em 1901. Somente três anos após, em 1903, a concorrente Harley Davidson nasceu e começou a disputar mercado com a *Indian*. A moto passa a ser assim o novo cavalo do índio.

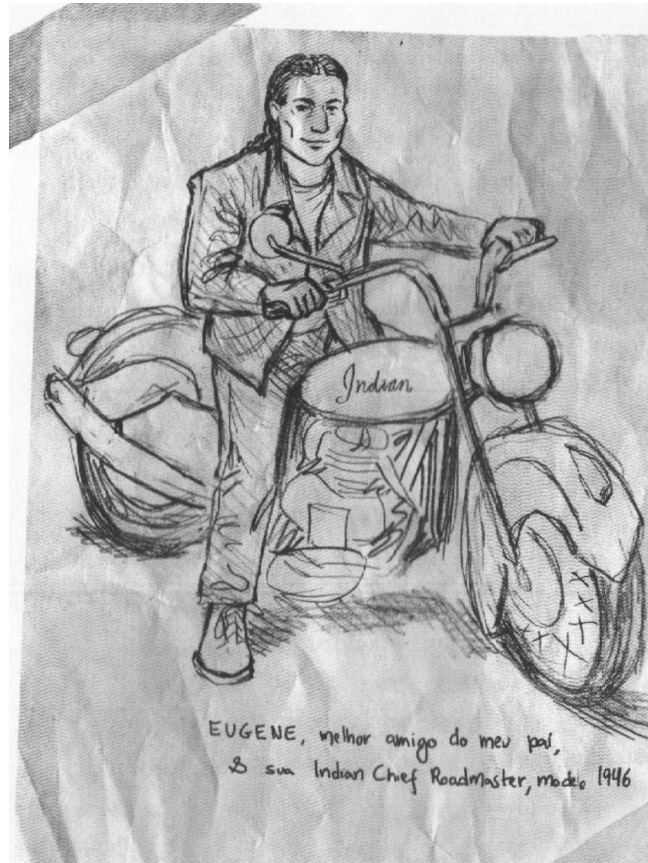


Figura 19

Mesmo tendo o destino triste reservado aos indígenas, a figura de Eugene revela força e poder. Porém, ao contrário da ilustração acima, a realidade indígena também se sobressai: Eugene foi morto pelo próprio amigo Bobby, “que estava bêbado demais para se lembrar, depois, de ter puxado o gatilho” (ALEXIE, 2009, p. 228). Embriagados, os amigos brigaram pelo último gole de vinho e, após dar um tiro na cara de Eugene no estacionamento de um bar em Spokane, Bobby se enforcou na cadeia com um lençol semanas depois, tomado por remorso. O pai de Arnold, diante da situação, reagiu como sempre fazia: tomou um porre.

O alcoolismo é um grave problema existente entre os indígenas americanos, que teve início durante a colonização, quando os índios foram apresentados às bebidas alcoólicas destiladas e viciados por propósitos espúrios como o roubo de terra ou a obtenção de outros tipos de favores ou controle, como visto no primeiro capítulo. O pai de Arnold e seus amigos, como Eugene, são alcoólatras e o tema é francamente discutido pelo garoto. Segundo ele, apenas cinco índios da reserva não bebiam.

Ainda, a avó do cartunista também é retratada de forma bastante interessante. A vovó Spirit era muito querida entre todos os membros da tribo e morreu também de forma trágica ao ser atropelada por um motorista bêbado. Devido à sua importância como formadora de Arnold, a figura que retrata vovó Spirit foi discutida no Capítulo 3 (figura 5).

Outra personagem que é extremamente importante para Arnold é seu amigo Rowdy. No momento em que o garoto decide ir estudar em Reardan, Rowdy se revolta e até bate no amigo, entretanto Arnold o respeita e admira, afinal, são melhores amigos. Rowdy é descrito como forte, bom de briga e não muito inteligente. Mas a convivência do garoto com o pai bêbado era difícil, como podemos ver na conversa abaixo:

– Eu sei que Rowdy é seu melhor amigo, mas ele... mas ele... mas ele... – O professor estava gaguejando. Não estava seguro do que deveria dizer. – Você sabe que o pai de Rowdy bate muito nele, não sabe?

– Sei – disse eu. Toda vez que Rowdy chegava à escola com um olho roxo, fazia questão de deixar dois meninos escolhidos ao acaso de olho roxo. (ALEXIE, 2009, p. 62).

Arnold e o Professor P conversavam sobre a vida na reserva e o professor queria ilustrar os problemas causados pelo alcoolismo na reserva, como a violência de que Rowdy era vítima. Porém, juntos os meninos eram apenas crianças normais que brincavam e se divertiam. Rowdy protegia e dava conselhos e Arnold gostava muito dele. A imagem deles brincando de pular no lago (figura 21) é a última do livro e muito significativa. Há nela a união de Arnold com o mundo indígena, representado por Rowdy, e também a alegria simples de garotos de nove anos que querem apenas brincar e crescer sem tantos problemas como álcool e violência ao redor (figura 21).

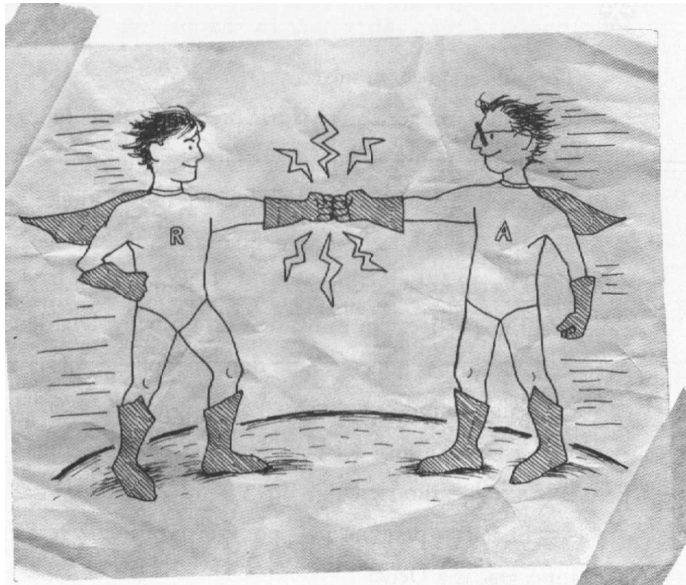


Figura 20

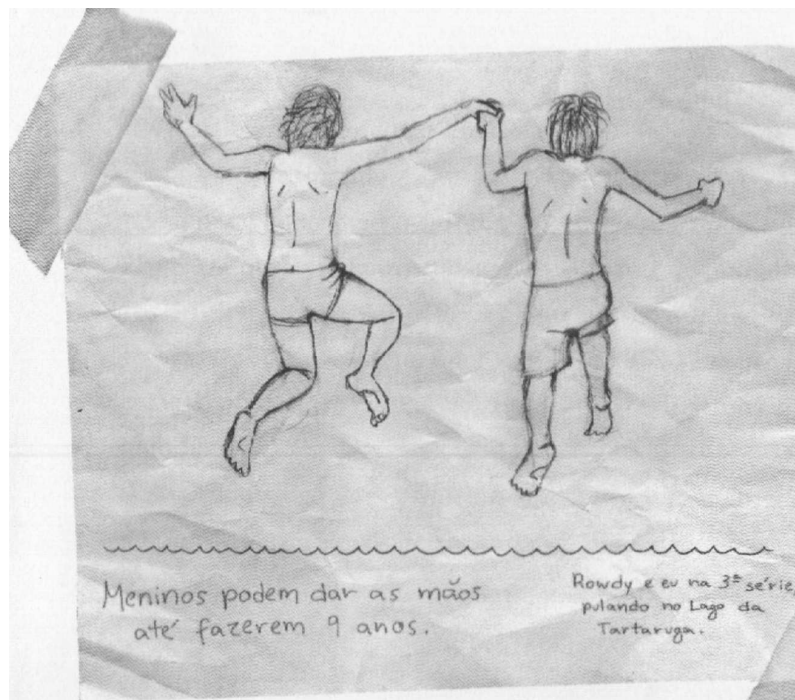


Figura 21

Já a visão de Arnold sobre os brancos é diferente. A maioria das personagens brancas é caricaturada no livro de forma irônica e ofensiva. A primeira imagem feita pelo jovem é a do Professor P. Na figura 22, o professor tem 1,20 m de altura, gago, careca e com caspas, tem pelos no nariz, é muito magro e fracassado, pois tentou formar um grupo de teatro shakespeariano na reserva sem sucesso. Arnold assim

definiu o professor: “No fundo, acho que professor P. é um velho solitário que algum dia foi um jovem solitário. Por algum motivo que não entendo, brancos solitários gostam de estar perto de índios ainda mais solitários.” (ALEXIE, 2009, p.47).

Mas é o Professor P. que sugere a Arnold que ele mude da escola e saia pra sempre da reserva caso queira um futuro diferente. O professor pede desculpas ao garoto, mesmo após ter sido agredido com um livro pelo jovem. Pode-se compreender essa atitude como uma metáfora da sociedade branca pedindo desculpas aos índios pelos séculos de colonização e opressão. Foi o Professor P. que mostrou uma nova perspectiva a Arnold e fez nascer nele a vontade de crescer, de ter esperança.

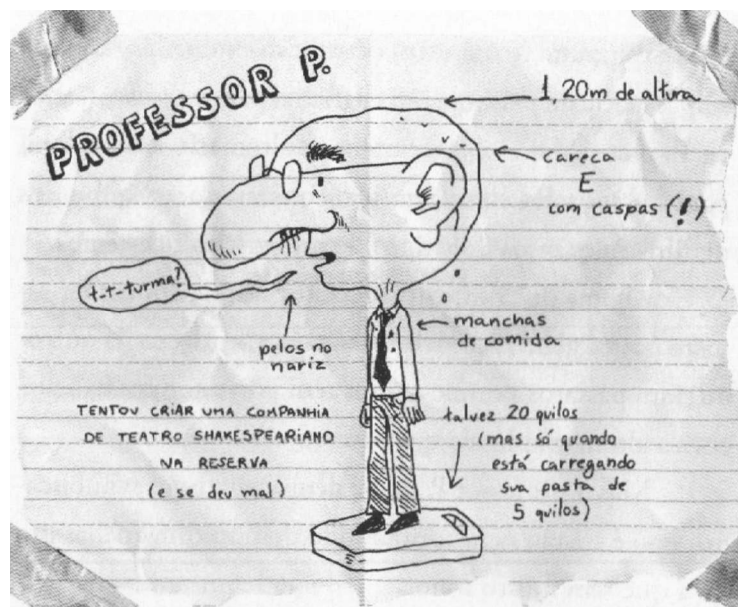


Figura 22

Outro professor caricaturado por Arnold é o Sr. Dodge (figura 23). Conforme exposto no capítulo anterior, Arnold questiona uma fala do professor em sala de aula sobre minerais e o Sr. Dodge fica muito irritado. A imagem compara um vulcão em erupção e o professor suando, com olhos vermelhos e com dentes pontiagudos “preparados” para morder. No desenho há ainda a seguinte frase: “Qual desses gigantes pirotécnicos explodirá primeiro?”. Mas comparando as duas imagens é simples perceber pelos traços que o professor parece bem mais “irritado” que o vulcão, que tem mais força e raiva que um gigante da natureza.

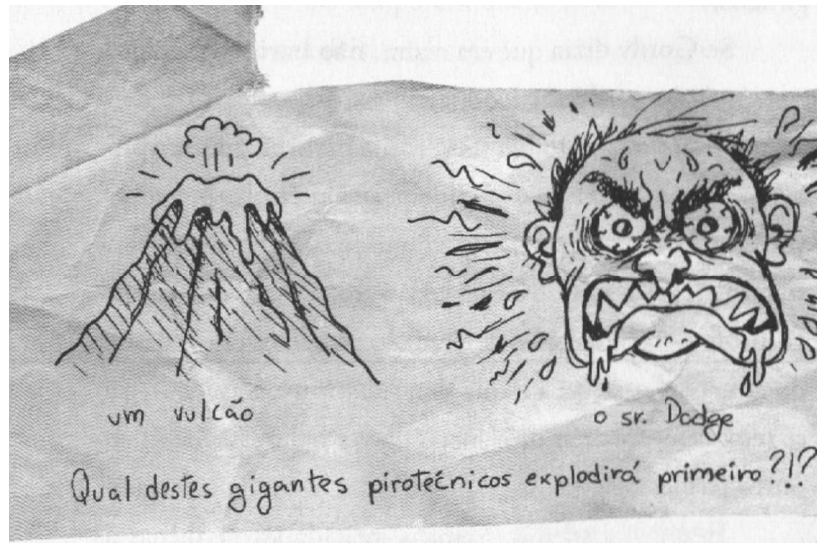


Figura 23

A forma como os dois professores são apresentados é muito relevante na narrativa. O conhecimento do branco, levando-se em consideração as personagens que o transmitem na obra, é ora frágil e indefeso, como o Professor P., ora intransigente e violento, como o Sr. Dodge. A visão de Arnold sobre os dois professores, apesar de bastante díspar, demonstra como o aluno via o conhecimento do homem branco. Mas é importante frisar que dentro do sistema educacional falho da reserva, o frágil Professor P. conseguiu enxergar em Arnold um potencial que, mais tarde, em Reardan, o garoto realizou.

Na seqüência (figura 24), Junior está no ambiente escolar e é cercado por fantasmas grandes e sem rostos. Essa é a primeira visão de Arnold do mundo novo dos brancos, da escola que começava a freqüentar. Todos amedrontam e ofendem o pequeno índio chamando-o de “chefe”, “touro sentado”, “tonto”, “pele vermelha” e “filhote de índia”. Nenhum deles o chama pelo nome, pelo contrário, buscam defini-lo pela diferença. A fragilidade do jovem que treme de medo contrasta com a cara de raiva dos demais, que por certo não admitem a “audácia” do índio em querer fazer parte do mesmo contexto social que eles. Porém, o que se sobressai são as faces raivosas e as ofensas, desprovidas de qualquer outro sinal de diferenciação.

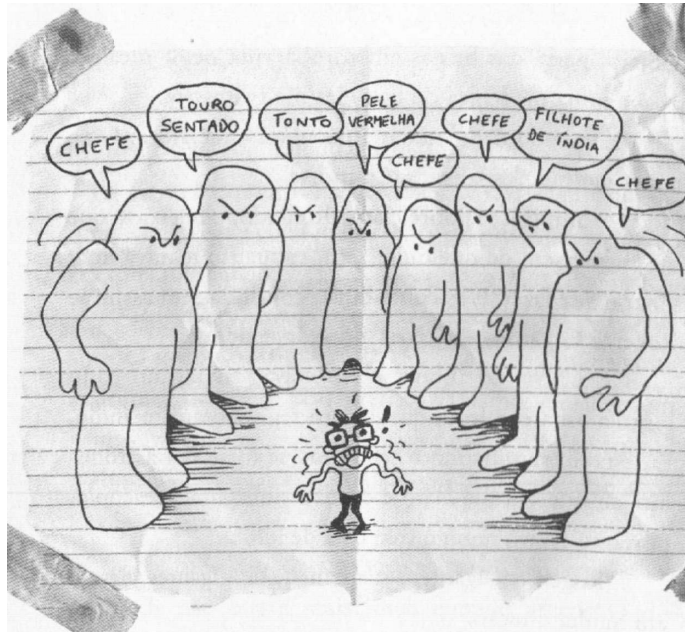


Figura 24

No entanto, mais uma vez mostrando as poses fugidias de Vizenor, Arnold está no centro da foto, e mostra sua identidade, mesmo apavorada, enquanto os outros são uma massa branca indistinta. Mesmo sendo minoria, o pequeno Arnold mostra sua voz pelo lápis. E mesmo sendo minoria, Arnold, mais uma vez desvinculando a figura da narrativa, dá um soco em um dos meninos.

Representando outro tipo de visão do homem branco, em outra ilustração cômica do livro, Arnold representa Ted (figura 25), o “admirador” da cultura indígena. A personagem aparece no velório da vovó Spirit para devolver um traje powwow que, em tese, seria dela. Ted é um bilionário que se sente índio e entendedor da cultura indígena. Na imagem, todavia, todos os elementos de seu vestuário são ironizados. Com o olhar triste de quem fora devolver um objeto indígena importantíssimo, Ted descobre que fora enganado, e que a senhora Spirit jamais dançara powwows, virando instantaneamente motivo de chacota entre a tribo.



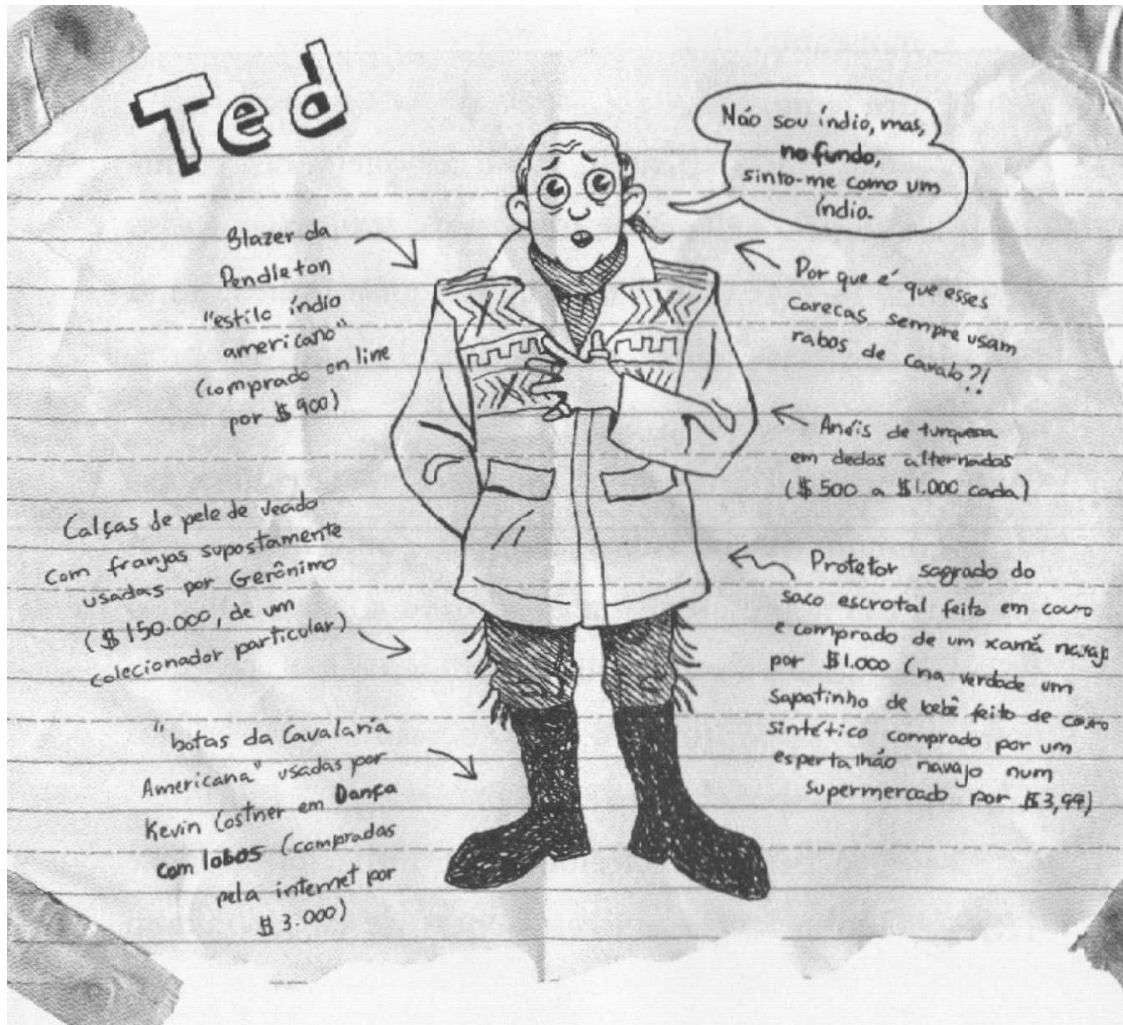


Figura 25

Embora a maioria das personagens brancas seja caricaturada de forma irônica, há duas pessoas que escapam das chacotas: Penélope e Gordy. Arnold gosta da garota desde o primeiro dia em que a vê na escola. Algum tempo depois, os dois têm um breve namoro, mas primordialmente porque a menina queria enfrentar os pais. Seus traços são leves e belos, com cabelos lisos e loiros.

Mesmo quando descobre que a garota sofria de bulimia, Arnold mantém sua admiração pela jovem:

Ela sofria e eu a amava. Isso é, meio que a amava, acho. Por isso eu tinha que amar também o sofrimento dela.

O que eu mais gostava, mesmo, era de ficar olhando para ela. Acho que é disso que todo menino gosta, não? E os homens também. De ficar olhando as meninas e as mulheres. Nós não desgrudamos os olhos dela. E era isso o que eu via quando ficava olhando para Penélope. (ALEXIE, 2009, p.155)

Em uma das ilustrações a garota usa um chapéu velho do pai e lembra bastante uma índia. Os traços são bonitos e leves, porém dessa vez com o olhar triste de quem passava por problemas (Figura 7).

Por fim, Gordy é o aluno branco inteligente que conversava com Arnold e validava as falas do jovem na sala de aula. É o garoto que defende Arnold no momento em que o professor Dodge ironiza os “conhecimentos indígenas”. As conversas entre a personagem principal e Gordy são interessantes e o nerd loiro de óculos incentiva Arnold a estudar e ver certos fatos sob novos ângulos como, por exemplo, sentir tesão por livros (figura 26).

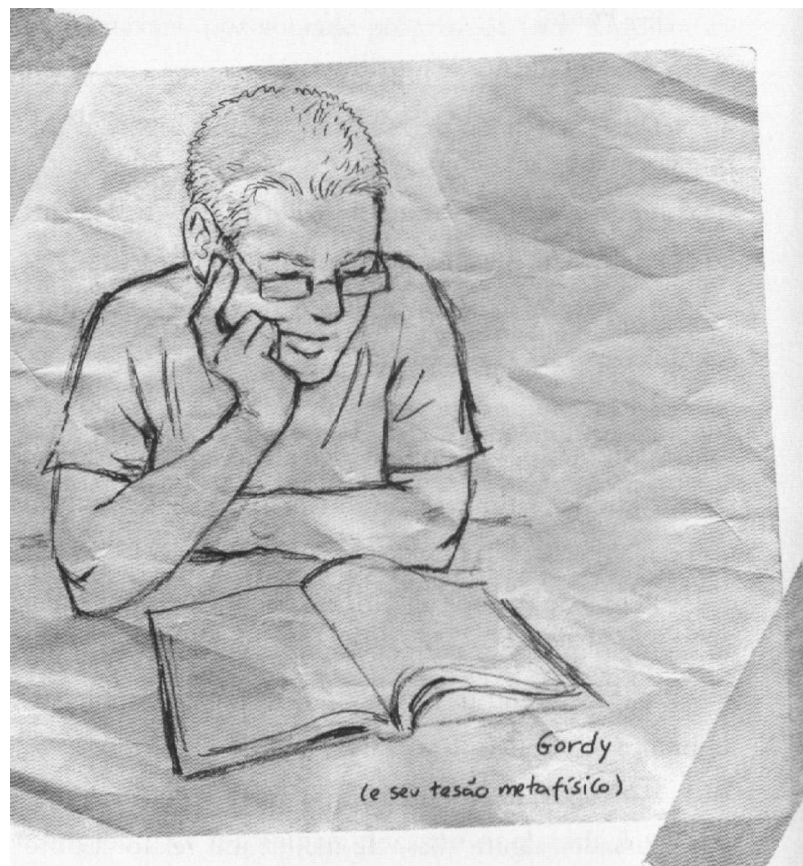


Figura 26

### 4.3 A Visão do Mundo

A única representação feita a partir da visão dos brancos parte do “enfeimento” dos índios: o mascote da escola, caricaturado por Alexie/ Arnold/ Forley, por não representar o indígena e ser uma figura silenciosa, feia e ameaçadora.

As demais imagens, todavia, feitas do ponto de vista indígena e ilustrando os índios com os quais o protagonista convive, não são estilizados, mas representados com força e beleza.

Como exemplo desse enquadramento da imagem que extrapola a identidade citado por Bhabha (1992), temos a já mencionada representação da mascote de Reardan. Trata-se da visão que o homem branco possui do índio, e não da realidade. A feição agressiva de quem está sempre pronto para o ataque não condiz com o povo indígena. De acordo com os fatos históricos narrados no primeiro capítulo, o povo indígena apenas começou a guerrear após anos de injustiças e arbitrariedades cometidas pelos colonos brancos. Os índios dos filmes de faroeste, bem como a representação do mascote da escola, apresentam um índio violento, muito diferente da realidade em situações cotidianas, reforçando o estereótipo dos índios como selvagens.

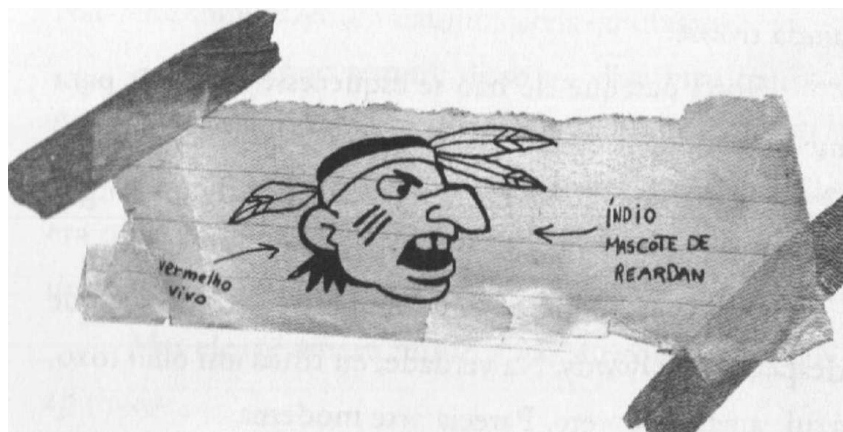


Figura 27

A representação do branco na obra é nitidamente dividida entre aqueles com os quais o jovem Arnold se relacionava bem, e que foram retratados normalmente e sem caricaturas (como Penélope e Gordy, figuras 7 e 26), e aqueles com os quais não se identificava caricaturados e distorcidos ao máximo (como os professores e os alunos, figuras 22, 23 e 24).

No momento em que Junior resolve mudar para a escola de brancos, podemos ver uma placa que separa a realidade da reserva de muita pobreza apontando para a esquerda e a incerteza sobre o futuro apontando para a direita. Junior, hesitante, aparece parado olhando para a esperança. A retomada do conceito de identidade cindida de Stuart Hall (2005) é aqui essencial. Arnold estava dividido

entre a tradição e o aconchego que a reserva representava, como representam a natureza e as casas, mesmo tortas, mas que também seria a morte da esperança de um futuro diferente, e um mundo branco desconhecido, com um fio de esperança, que a escola branca representava.



Figura 28

Ainda assim, mesmo com dúvidas, o pequeno índio estava olhando para o lado oposto da reserva. Na narrativa, após abandonar a escola indígena, Arnold se depara com as diferenças entre o aluno branco da escola Reardan e ele, o jovem índio recém-chegado. A figura 28 mostra bem essa divisão, mas, ao mesmo tempo, a intenção de Arnold em optar por Reardan. Na imagem, as casinhas da reserva são pobres e cercadas por natureza e animais, também uma forma de brincar com o estereótipo do indígena romantizado e ligado à natureza. A tabuleta que divide a Reserva/ Lar e a Esperança/ ??? (dúvidas) não está no centro, mas um pouco para a direita. E é para essa direção que Arnold está olhando fixamente. Ou seja, a esperança não está na direção da reserva, portanto não é pra lá que Arnold irá.

Outra imagem (figura 29) muito importante que caracteriza a visão de mundo é aquela em que são apresentadas as opiniões de índios e brancos sobre Arnold (figura 29). Após entrar no time de basquete e jogar contra o time de Wellpinit, o jovem faz uma caricatura de como foi visto durante o jogo. Para os moradores da reserva ele era o diabo, puxa-saco de brancos, com asas, rabo e cascos. Já para os

habitantes de Reardan, ele era um anjo de asas e roupa branca que os ajudaria a acabar com os adversários. Nas duas representações, entretanto, Arnold se pergunta quem ele é, ou seja, nem o diabo e nem o anjo. Apenas um garoto sendo vaiado e ovacionado ao mesmo tempo por suas escolhas.



Figura 29

Observe-se no excerto a seguir a ligação que Arnold faz da beleza e da inteligência vinculadas à etnia branca. Por fim, há um trecho em que ele fala sobre como a esperança era branca, confirmando a ideia de Fanon (2008) de que a feiura e a maldade, a obscuridade e a falta de inteligência são ligadas ao negro, ou nesse caso, ao não-branco:

Nós, índios, demos um vexame e os meninos de Reardan foram uma glória.  
 Aqueles caras foram *magníficos*.  
 Eles sabiam *tudo*.  
 Eles eram *bonitos*.  
 Eram bonitos e inteligentes.  
 Eram bonitos, inteligentes e heroicos.  
 Eram cheios de esperança.  
 Não sei se a esperança é branca. Mas o que eu sei é que, para mim, ela é uma criatura mítica: (ALEXIE, 2009, p.74-75)



Figura 30

Na imagem (figura 30) podemos ver um belo cavalo alado entre nuvens voando, a criatura mítica representando a esperança. Até as nuvens sorriem para ele e a palavra “branca” é repetida abaixo da figura por oito vezes. No excerto, o fato de que os brancos de Reardan são bonitos e inteligentes se deve ao fato de que são brancos. Por isso, a esperança também era branca.

Ao final, após vários conflitos, o saldo é positivo para Arnold, que termina o ano letivo com boas notas na escola Reardan e consegue se reconciliar com o amigo Rowdy e a reserva Spokane:

E me dei conta de que seria sempre um índio spokane. De que pertenceria sempre à minha tribo, mas que também pertencia à tribo de migrantes americanos. E também à tribo dos jogadores de basquete. E à tribo dos ratos de biblioteca.

E à tribo dos cartunistas.

E à tribo dos masturbadores crônicos.

E à tribo dos meninos adolescentes.

E à tribo dos meninos de cidadezinha do interior.

E à tribo dos habitantes do noroeste americano.

E à tribo dos amantes de tortilla chips.

E à tribo dos pobres.

E à tribo dos que vão muito a enterros.

E à tribo dos filhos amados.

E à tribo dos meninos que morrem de saudades de seus melhores amigos. (ALEXIE, 2009, p. 292-293)

Junior retoma, assim, a esperança nos dois ambientes em que vivia e se reconhece integrante de várias tribos diferentes.

## CONCLUSÕES

A obra *O diário absolutamente verdadeiro de um índio de meio expediente* (2009) é, tal qual a história dos nativos estadunidenses durante a colonização, repleta de conflitos. Trata-se de uma narrativa com linguagem simples, porém muito rica tanto em conteúdo como em ironias, todos predicados do escritor Sherman Alexie.

Pesquisar a história dos indígenas americanos é compreender parcela da narrativa de Alexie e a revolta com que ele se dirige a fatos como o Dia de Ação de Graças, por exemplo. Grande parte dos massacres de tribos indígenas durante a colonização são desconhecidos, inclusive pela população americana, e a visão eurocêntrica prevalece, sempre em detrimento dos povos que já habitavam as Américas.

Os poucos autores que apresentaram os fatos do ponto de vista dos nativos não tiveram seus trabalhos divulgados, prevalecendo os estereótipos quanto à suposta selvageria e ingenuidade daqueles que não eram brancos e catequizados, daí a importância de trabalhos que retomem a literatura, seja ela infantojuvenil ou adulta, que discutam a escrita indígena, tanto estadunidense quanto brasileira.

Contra essa corrente, Alexie aborda temas polêmicos como o alcoolismo, a pobreza, o bullying, a violência e a sexualidade. Grande parte dos romances e das poesias possuem elementos autobiográficos e têm como ambiente a Reserva Indígena Spokane. Recorrentes também são os tópicos de dor e humor, nervosismo e sobrevivência, amor e ódio, acordos desfeitos, manifestações do destino, basquete e acidentes de carro.

A narrativa aqui analisada possui muitos elementos da teoria literária pós-colonial, como questões acerca da identidade do sujeito, da identidade grupal/nacional, da alteridade e da resistência. Arnold é um sujeito cindido e a construção de sua identidade perpassa necessariamente pela alteridade e pela diferença, na medida em que o jovem afirma sua identidade reconhecendo-se parte de várias tribos no final da obra.

Podemos verificar que durante o transcorrer da narrativa os conflitos internos e sociais vividos por Arnold o fazem amadurecer, enxergar e até mesmo vivenciar a



esperança que tanto almejava, porém percebendo que ela pode ser também indígena, e não apenas branca.

Frise-se que foi fundamental tanto para o desenvolvimento da análise, quanto para a compreensão da obra o aprofundamento sobre a questão da resistência. A resistência está presente na obra de forma velada ou bastante explícita. A ironia utilizada por Alexie, por exemplo, além de ser uma forma de resistência, é comum na literatura pós-colonial como forma de oposição contra a cultura dominante.

Os conflitos entre índios e brancos, ricos e pobres, mulheres índias e mulheres brancas entre outros constroem uma narrativa muito rica e repleta de temas importantes e que merecem aprofundamento. A resistência presente no texto, seja ela em embates físicos ou discursivos, apresenta os “nãos” da comunidade indígena contra a forma como os nativos são tratados na sociedade estadunidense.

Ainda, a avó representa na narrativa, tal como o jovem Arnold nos momentos finais da obra, a resistência e a ligação entre a tradição e a modernidade. Além de incentivar o neto, a senhora Spirit é a tradição híbrida que, ao mesmo tempo em que vende talismãs aborígenes e participa de powwows, é fã de Jimi Hendrix e rock. Arnold, após a morte da avó e ao final da obra, torna-se essa ligação entre a tradição e a modernidade quando passa de ano com boas notas e se reconcilia com o amigo Rowdy e juntos os garotos tomam banho no lago da Tartaruga, repleto de histórias indígenas.

Tão importantes quanto a construção da identidade, a resistência e a hibridez, as ilustrações da obra representam como a personagem enxergava o mundo. Podemos ver que há um descompasso entre algumas imagens e a fala das personagens, mas ainda sim os índios não são distorcidos nas representações e a tentativa de “branqueamento” dos indígenas é para Arnold uma forma de vê-los sem pena. As imagens representam uma busca da identidade indígena e, ao mesmo tempo, a recuperação da voz de um indígena silenciado.

É relevante frisar que a narrativa de Alexie pode ser estudada sob diversos aspectos, tais como sua importância para a literatura infantojuvenil, seu caráter autobiográfico, suas ilustrações inseridas dentro dos conceitos de multimodalidade, dentre muitos outros. Dessa forma, a presente análise é parcela do que pode ser explorado na narrativa de Alexie.

Assim, por conter tantos personagens e temas passíveis de análise, toda a obra de Sherman Alexie, bem como *O diário absolutamente verdadeiro de um índio*

*de meio expediente* (2009), merecem estudos aprofundados e a teoria literária pós-colonialista para esta finalidade é de fundamental importância.

Por derradeiro, a presente pesquisa é importante para o Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado) da Universidade Estadual de Maringá, pois contribui para a Linha de Pesquisa de Literatura e Construção de Identidade, em especial a análise feita sob o ponto de vista da teoria pós-colonial, no sentido de discutir as literaturas consideradas de minoria e dar voz a escritores de setores da sociedade que não tinham oportunidades de se expressar sobre seus traumas, problemas ou sobre as grandes consequências de ideologias opressoras como o patriarcalismo e o imperialismo. Da mesma maneira, sublinha-se o fato deste ser o primeiro trabalho acadêmico brasileiro de pós-graduação *stricto sensu* sobre o escritor estadunidense Sherman Alexie e sua obra.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Ed. rev. amp. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALEXIE, Sherman. *O diário absolutamente verdadeiro de um índio de meio expediente*. Trad. Maria Alice Máximo. Ilus. Ellen Forney. Rio de Janeiro: Record, 2009.

\_\_\_\_\_. *Why the Best Kids Books Are Written in Blood*. Disponível em: <http://blogs.wsj.com/speakeasy/2011/06/09/why-the-best-kids-books-are-written-in-blood/>. 2011. Acesso em 13 de fevereiro de 2014.

ASCROFT, B. *Key concepts in post-colonial studies*. London and New York: Routledge, 2007.

BHABHA, Homi K. A questão do “outro”: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. In: HOLLANDA, H. B. (Org.). *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

BONNICI, Thomas. *Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências*. Maringá: Eduem, 2007.

\_\_\_\_\_. O multiculturalismo e a literatura negra britânica no contexto multicultural. In: BONNICI, Thomas (org.). *Multiculturalismo e diferença: narrativas do sujeito na literatura negra britânica e em outras literaturas*. Maringá: Eduem, 2011.

BROWN, Dee. *Enterrem meu coração na curva do rio: a dramática história dos índios norte-americanos*. Trad. Geraldo Galvão Ferraz e Lola Xavier. Porto Alegre: L&PM, 2012.

CAMARGO, Luís. *A relação entre imagem e texto na ilustração de poesia infantil*. Suécia, 1999. Disponível em:

<<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/poesiainfantilport.htm>>. Acesso em: 21 setembro 2014.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura Infantil: Teoria e Prática*. São Paulo: Editora Ática, 2002.

*DANÇA com lobos*. Direção: Kevin Costner. Fotografia: Dean Semler. EUA, 1990. DVD (180 min). Cor. Título original: Dances with wolves.

DERRIDA, Jacque. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

DONDIS, A. *Sintaxe da linguagem visual*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FELDMAN, A. K. T. Implicações históricas e identitárias do dia de Ação de Graças para o indígena estadunidense em uma obra de Sherman Alexie. *Acta Scientiarum. Language and Culture Maringá*, v. 36, n. 3, p. 263-273, July-Sept., 2014 <http://www.uem.br/acta> ISSN printed: 1983-4675 ISSN on-line: 1983-4683 Doi: 10.4025/actascilangcult.v36i3.22798.

GRAÚNA, Graça. *Contrapontos da Literatura indígena contemporânea no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza, 2013.

GURDON, Meghan Cox. *Darkness Too Visible: Contemporary fiction for teens is rife with explicit abuse, violence and depravity. Why is this considered a good idea?*. Disponível em: <http://www.wsj.com/articles/SB10001424052702303657404576357622592697038>. Acesso em 13 de fevereiro de 2014.

HALL, Stuart. *Quem precisa de identidade?* In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaide La Guardia Resende *et all*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HUTCHEON, Linda. *Poética do Modernismo: História, teoria, ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JARDIM, Mara Ferreira. Critérios para análise e seleção de textos de literature infantil. In: SARAIVA, Juracy Assman (Org.). *Literatura e Alfabetização: do plano do choro ao plano da ação*. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

LEPORE, Jill. In: PBS. *After the Mayflower (Episode One) in We Shall Remain, Documentary*. A production of American Experience, in association with NAFT, 2009.

MOORE, David L. Sherman Alexie: irony, intimacy and agency. In: *The Cambridge Companion to Native American Literature*. Ed. Joy Potter e Kenneth M. Roemer. Cambridge: University Press, 2006.

PORTER, Joy. Historical and Cultural Contexts. In: *The Cambridge Companion to Native American Literature*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2005.

SAID, E. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Tomas Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SALISBURY, Neal. In: PBS. *After the Mayflower (Episode One) in We Shall Remain, Documentary*. A production of American Experience, in association with NAFT, 2009.

SILVA, Ana Célia da. *A discriminação do negro no livro didático*. Salvador: CEAO, CED, 1995.

SOLLORS, Werner. Ethnicity. In: LENTRICCHIA, F; McLAUGHLIN, T. *Critical terms for literary study*. London: University of Chicago Press, 1990.

SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

VANSPANCKEREN, Kathryn. *Outline of American Literature*. Ed. rev. United States: RPC EAP Manila, 1994.

VIZENOR, Gerald. *Fugitive Poses: Native American Indian Scenes of Absence and Presence*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1998.

\_\_\_\_\_. *Survivance: Narratives of Native Presence*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2008.